

WILLIAM EDUARDO STARKE

MAGNATA

Texto e Contexto
EDITORA

MAGNATA

“Quero que minha filha pense em mim como
o pai que desenha e que restaura livros”

(William Starke)

ISBN 978-65-99004-96-4



9 786599 004964

@2021 Willian Starde

Todos os direitos reservados ao autor

Coordenação editorial: Néia Hauer

Supervisão Editorial: Rauli Gross Jr.

Revisão: Suélen Haag

S795 Starke, William Eduardo
 Magnata [livro eletrônico]/ William Eduardo Starke. Ponta
 Grossa: Texto e Contexto, 2021.
 94 p. ; il. E-book - PDF

ISBN : 978-65-990049-6-4

1. Autobiografia. 2. William Starke - autobiografia. I.
Starke, William. II. T.

CDD: 923

Ficha Catalográfica Elaborada por Maria Luzia F. B. dos Santos CRB 9/986

TEXTO E CONTEXTO EDITORA

(42) 988834226

www.textoecontextoeditora.com.br

contato@textoecontextoeditora.com.br

Texto e Contexto

EDITORA

Willian é um exemplo de superação e força de vontade. Um exemplo para todos.

Conheci Willian na penitenciária, no hospital de livros, projeto social realizado na penitenciária estadual de Ponta Grossa que restaura papéis e histórias, liberta a mente e a imaginação. Willian, sempre atencioso e determinado, abraçou algumas oportunidades para transformar a sua vida, de sua família e da cidade em que vive. Posteriormente, vivi um momento especial na entrega de uma menção honrosa do Prêmio Ajufe Boas Práticas, na mãos do Willian, e senti o sabor de uma vitória de todo aquele grupo de sonhadores.

Vencer obstáculos não é tarefa fácil e quando eles são grandes é mais difícil. Contudo, Willian demonstrou em várias oportunidades que a sua força de vontade e a de sua família, conjugadas, são fatores relevantes para enfrentar e vencer os desafios que não foram pequenos como se observa no livro. Aliás, uma obra instigante que prende o leitor do início ao fim. O poder de síntese do autor também merece referência e a condensação e a riqueza dos fatos tornam a leitura fácil e intrigante.

Uma história de luta e de uma vida intensa. Os caminhos percorridos despontam para várias avenidas da vida. As dificuldades superadas. Um recomeço.

Um mundo de oportunidades está nas mãos de Willian, seja para a uma vida maravilhosa e vencedora, seja para escrever sobre a vida.

Parabéns ao autor. Sorte dos leitores.

Antônio César Bochenek
Juiz Federal

É com grande satisfação e orgulho que escrevo, nesses breves parágrafos, sobre o Livro escrito pelo meu amigo William Starke, com o qual tive os primeiros contatos dentro do Sistema Prisional, durante o desenvolvimento de projetos voltados a justiça restaurativa, sendo que a partir daí surgiu uma grande amizade.

Ao analisar o texto, tive a oportunidade de compreender e visualizar de forma empírica, situações as quais apenas tinha estudado enquanto teoria no campo da Criminologia, matéria a qual desenvolvo meus projetos de pesquisa há mais de duas décadas. As narrativas deste livro estão diretamente relacionadas a Teorias Criminológicas, que, infelizmente, ocorrem diariamente na vida de milhares de pessoas, que a exemplo de William, convivem com múltiplos fatores que potencializam o aumento da criminalidade em nossa sociedade.

Nas primeiras páginas do livro, fica evidente a influência do meio social na vida de William, não retirando aqui a responsabilidade pelas escolhas dos seus atos, mas devemos compreender que muitos valores lhe foram sonegados, principalmente durante a sua infância e adolescência, a exemplo do que ocorre com milhares de jovens em nosso país, e cuja responsabilidade não podemos atribuir apenas aos seus pais, pessoas humildes e trabalhadoras, que tiveram que furtar-se da convivência diária dos filhos para buscar o sustento familiar, mas devemos incluir o Estado pela omissão na persecução de Políticas Sociais inclusivas a nossos jovens.

Assim, mais que conhecer a história de William, tive a oportunidade de lendo o livro compreender quem ele realmente é. Constatei que William nem sempre compreendeu e aceitou os seus erros, porém, com o seu amadurecimento e a busca por novas oportunidades dentro do Sistema Prisional, ele protagonizou um processo de resgate de valores, apoiando-se a Projetos de Justiça Restaurativa, os quais lhe aproximaram de pessoas e de setores da sociedade civil organizada que reconheceram o seu potencial.

Este livro prova que o melhor investimento para inibir a criminalidade é valorizar o ser humano, criando oportunidades para que as pessoas possam sonhar e efetivamente concretizar estes sonhos. Viabilizar medidas preventivas, que possibilitem a reabilitação é um dever do Estado, lembrando que para isso se faz necessária uma ruptura com o Direito Penal meramente punitivo, preservando e resgatando valores que integram a dignidade humana.

Na verdade, todos procuramos não somente um espaço, mas também o reconhecimento da sociedade, e William encontrou essa visibilidade social dentro do Sistema Prisional, o que não é nenhum demérito, ao contrário, e ele conseguiu agarrar as poucas oportunidades e provar as pessoas que é capaz. Parafraseando o nosso mestre Chico Xavier, podemos afirmar que **“Embora William não pudesse voltar e fazer um novo começo ... ele conseguiu recomeçar e fazer um novo fim”**. Parabéns, meu amigo, muito sucesso na sua vida.

Rauli Gross Junior
Advogado

Há histórias que merecem ser contadas, especialmente aquelas que narram a construção de uma nova pessoa, de uma visão de mundo, de uma família. Há histórias que são capazes de traduzir a grandeza da trajetória chamada vida, como um trabalho que pode ser edificado e que ecoa como uma singela obra de destaque.

Willian Eduardo Starke chegou ao sistema penal com o olhar semelhante a muitos outros, mistura de indignação, ansiedade, pouca perspectiva. Despedia-se de um modo de vida que viria a lhe cobrar um preço alto, quase que insuportável: as lágrimas de sua família e a distância de sua pequenina filha.

Com um começo difícil, precisou enfrentar a dura realidade do cárcere e aprender a realizar escolhas que poderiam mudar seu sentido de vida. Por aqueles dias, lembramo-nos de afirmar que ambos os caminhos eram rigorosos, os daqueles que optam por uma vida em conflito com as normas sociais e também daqueles que escolhem se definir pelo caminho sério, pautado por normas e princípios. Ocorre, contudo, que por um desiderato lógico, ambos os caminhos produzem frutos: uns piores, outros melhores.

A resposta de uma pessoa, numa situação de crise, às vezes é previsível e nem sempre reflete verdadeiramente a sua real opção. Neste sentido, bem diferente a história de Willian. A capacidade de definição de uma pessoa sempre antecede suas ações, eis que a definição acontece em seu interior, sendo literalmente um enfrentar-se a si mesmo, aos seus conceitos, a sua personalidade. Tarefa, historicamente, reservada para uns poucos.

Em sua trajetória, podemos presenciar imensas dificuldades e provas, que certamente foram forjando uma nova pessoa, trabalhando seu caráter. A decisão de um homem precisa mesmo vir acompanhada de um sem número de situações que o colocam em reiterados conflitos, que são capazes de justificar o nascimento de virtudes que foram conquistadas a cada instante.

“Somos capazes de abrir uma porta que só você mesmo poderá fechar”, foi uma de nossas primeiras conversas. Em posições diferentes, o condutor de toda uma equipe de segurança fez frente com aquele que um dia conduziu grupos de criminosos em toda uma região. E era reconhecido por isso, dentro e fora do cárcere.

É realmente muito nobre a reconstrução de um homem e o poder decisivo que certos aspectos exercem. Para cada pessoa, um fato, uma circunstância, um evento pode mudar sua história. Para William, foi a ausência. Ausência do destacado olhar de seus pais, ausência do sorriso de sua pequena filha. Forma curiosa de descobrir as verdadeiras riquezas que um homem pode ter.

Um relato de conflitos, de escolhas, de derrotas, de violências, de tropeços e sucessos. Um relato de sorrisos e lágrimas. A reconstrução – ou renascimento – de Willian Eduardo Starke ainda segue acontecendo. Não será esta obra biográfica um livro pronto e terminado, será um amensagem de esperança, que pude acompanhar presencialmente e que encanta vê-la registrada nesta obra, pela verdade, importância e inspiração de que se reveste.

William segue guiando pessoas, mas de uma outra forma. De sorriso fácil, bem compreende o valor de tudo que viveu e construiu. História de poucas pessoas. E, sim, tornou-se um homem rico: abraça seus pais e filha todos os dias!

Respeitosamente,
Maurício Ferracin

William Starke. Esse é meu nome.

Minha história foi conhecida e, depois de longos, transformada.

Escrevi esse livro por força dos acontecimentos. Deus me guardou.

Reconheci, planejei, sofri e consegui. Sozinho? Não!

A todos que me deram oportunidade, deixo meu abraço e um
agradecimento do fundo do meu coração.

Paranaense, da cidade de Ponta Grossa. Trinta e oito anos vividos e o
maior aprendizado é:

*Você é dono da sua mudança
e nenhuma é impossível.*

(Texto enviado à editora, um mês antes de seu falecimento)



MAGNATA

Era 1982.

O casal entra às pressas na maternidade. A jovem está com as famosas dores do parto e o jovem, preocupado, acompanha tudo. Como sempre a chegada de um filho é uma grande expectativa, mas as coisas não ocorrem bem nesse dia. O parto foi complicado e o menino é tirado a “ferro”. Um tipo de nascimento difícil para mãe e para o filho. Foram dores além do previsto ou do normal, foram longos minutos a mais, um grande sofrimento que, depois de ter o filho nos braços, é esquecido pela jovem mãe.

O menino ainda terá de passar por exames para se certificar de que está tudo bem. Os pais, alegres e preocupados, estão atentos a todos os procedimentos hospitalares, pois a chegada do primeiro filho foi muito esperada, um filho homem.

Geralmente, em família, se discute, mesmo antes de nascer o bebê, o que ele será, ou seja, qual será sua profissão. O pai, sorridente, diz que será médico, a mãe acha que será advogado, os avós de ambas as partes arriscam outros ofícios, todos diferentes que, algum tempo depois, podem mudar de opinião. Até os próprios pais mudam as opiniões com o passar dos dias. Bombeiro, policial, médico, professor e outras profissões que podem ser influenciadas por filmes, desenhos ou dicas que se houve quando criança. Mas logo a criança já está em uma fase que pode responder o que sempre é perguntado: “filho, o que você vai ser quando crescer?”

É um grande planejamento familiar. Os pais escolhem as melhores profissões para os filhos, mas, antes de tudo isso se concretizar, há um longo caminho a ser percorrido, começando pela educação em casa e, logo depois a escola, o tão importante “estudar”. Os estudos o encaminharão para o tão esperado sonho dos pais. Ainda há as descobertas que são verdadeiras aventuras. Surgem novos amigos e colegas e, com isso, ter alguém

diferente dos pais para poder confiar. Crianças e adolescentes se misturam em escolas, em atividades, em praças; ruas e vidas que se encontram, se descobrem.

Festas, drogas, sexo sempre escondido dos pais, pois são os que reprovam essas novidades. Então, caro leitor, começa a ser construído um personagem que logo se mostrará perito na arte de mentir. Lógico que também existem aqueles jovens que nunca participaram dessas práticas e que não foram por esse caminho, mas que talvez já ouviram falar disso bem próximo deles: um cigarro escondido, um gole de cerveja que passou despercebido pelos pais. Em casa, tudo normal, então, não tem com o que se preocupar, as coisas estão indo bem, e bem escondidas.

Liberdade é a sensação que satisfaz esses atos, e agora já nem se lembra mais de quando dizia que queria ser policial ou médico. O policial virou um vilão, pois também repreende as ro-dinhas na esquina enquanto está rolando um baseado escondido antes da aula. Os conselhos em casa nunca foram ruins. Mas, conselho não combina com o que se quer fazer escondido.

Eu nasci naquele dia em que aquele casal entrou na maternidade, dia 4 de março de 1982, às quatorze horas e trinta minutos, em Ponta Grossa, cidade do interior do Paraná. Sempre se discutiu o que eu seria na vida. Primeiro filho do casal. E era o primeiro filho homem. Fui bem na escola durante um tempo, meus pais sempre honestos e trabalhadores. Meu pai era caminhoneiro e minha mãe trabalhava em casa e, de vez em quando, fazia limpeza em casas de pessoas ricas, que sempre ajudavam com algumas coisas. Minha mãe logo teve mais três filhas, minhas queridas irmãs. Brincávamos e estudávamos juntos. Quando minha mãe esteve no hospital para ganhar minha irmã mais nova, meu pai era quem lavava roupa, fazia almoço e jantar e limpava a casa.

Nossa casa era de madeira, lembro que um certo tempo era dividida com meus avós paternos, o terreno era grande com árvores de frutas. E bem na entrada do terreno, perto da cerca, um lindo pé de jasmim que era muito cuidado pela minha avó, em tempos de flores era cheiroso e as flores brancas chamavam a atenção.

Eu viajava bastante com meu pai, enquanto ele era caminhoneiro, foram muitas viagens inesquecíveis, sempre me incentivando a trabalhar. Gostava de aprender a dirigir o caminhão e a ajudar a descarregar. Trabalhava junto.

Certa vez, estava chovendo! Era bem de manhã, paramos em um posto de combustível. Meu pai comprou um café e um bolinho de carne, o que eu mais gostava. Saímos do posto e seguimos viagem, até um acidente acontecer: batemos o caminhão em uma pedra enorme em cima de uma serra, se não fosse Deus, nós teríamos morrido, pois, se não acertasse a pedra, o caminhão teria despencado serra abaixo. Um pouco antes de bater o caminhão, lembro de meu pai desesperado me segurando pela blusa e o caminhão descontrolado. As palavras que meu pai gritava: Jesus! Jesus! Jesus! - saímos sem ferimentos. Depois de

tudo, fomos socorridos e voltamos pra casa dentro do caminhão rebocado por um guincho, choramos juntos e agradecemos a Deus.

Após esse episódio, minha mãe não gostava que eu viajasse com meu pai, mas foram muitas outras viagens e tudo correu bem. Até que um dia meu pai chegou em casa abatido, já era noite. Quando chegou nos disse com muita que havia sido dispensado do trabalho, que estava desempregado. Eu, claro, não tinha noção do que isso significava e do que iríamos enfrentar por causa disso, mas, minha mãe, ficou nervosa e muito preocupada, isso eu pude perceber nos olhos dela.

Passaram dias e meu pai sempre saindo para procurar serviço pelas ruas, às vezes, ele conseguia algo e voltava à tarde com uma sacola da mercearia. Mas geralmente não conseguia nada e chegava chateado. Pegava um caderninho e ia até à mercearia comprar fiado e tudo era anotado ali. Mesmo sem condições nunca nos deixou faltar nada e, cada vez que ele me convidava para eu ir junto com ele, sempre voltava com um doce.

Meu pai tinha que se virar para sustentar os filhos. Mesmo sem emprego registrado, carpia lotes, trabalhava em construções puxando tijolos, terra, areia, pedra e o que fosse necessário para ganhar um dinheiro honesto.

Minha mãe também começou a procurar trabalho para ajudar meu pai. Logo apareceram algumas diárias, além das que ela já fazia, conseguiu até algumas patroas que deixavam ela trabalhar e me levar junto, pois este era outro fator que dificultava, ela não tinha com quem me deixar para ir trabalhar.

Eu gostava de ir nas casas que minha mãe trabalhava. Sempre ganhava alguma coisa de pessoas ricas. Passava o dia nessas casas enormes e luxuosas, esperando minha mãe terminar o serviço dela, mas, todas as vezes que eu ia nessas casas, eu aproveitava para brincar com os brinquedos dos filhos deles, pois eles

tinham tudo o que eu queria. O que eu mais admirava era uma bicicleta; queria muito ter uma igual a que via lá. Sempre ganhava os brinquedos que para eles eram considerados velhos, mas, para mim, eram um enorme presentão.

Eu sempre ouvia falar - e acho que o leitor também já ouviu dizer - que muitos adultos, quando eram crianças, iam pra escola com chinelo velho e com um pacote de arroz como mochila. Éramos pobres mas nunca fui para escola sem um tênis, por mais barato que fosse eu tinha um, nunca fui com o meu material em um pacote de arroz, sempre tive uma mochila. Isso era mérito dos meus pais, nunca deixaram faltar nada.

Todas as minhas irmãs estavam indo bem na escola e em casa. Eu, já mais velho, começava a sair e voltar à noite. Logo comecei a chegar de madrugada, fumava cigarros escondido e até bebia um pouco. Meus pais estavam preocupados comigo, mas eu não.

Logo aparecem os primeiros sinais que algo estava errado. Vou mal na escola, reclamações de professores, notas baixas, e muita teimosia. Comecei também a andar com uns amigos que não tinham hora para chegar em casa. Lembro que pulava o muro da escola e ia com eles gazejar aula. Saíamos nos divertir pela rua, pichar muros e, como eu adorava desenhar, geralmente os caras compravam o spray e pediam para fazer o desenho. Eu sabia que isso era errado, que poderia ser pego, mas, para mim, isso era adrenalina e diversão.

Para acompanhar meus amigos, comecei a beber também. Para ter mais coragem de fazer o que eles faziam. Passou um tempo e somente a bebida não bastava, comecei a experimentar a maconha oferecida por eles e logo estava totalmente ambientado nesta nova realidade.

Logo conheci uma casa onde os caras se reuniam para fumar, beber. Vi como faziam suas tatuagens, fiquei observando

com muito entusiasmo e, só de olhar, já comecei a aprender. Fiz uma bem pequena no tornozelo, meus pais não podiam ver e consegui esconder por um tempo, mas, claro que acabaram vendo. Minha mãe gostou, mas, contou para o meu pai que me xingou muito. Logo cheguei em casa com outra tatuagem no braço.

Eu gostava muito de brigar, sempre arrumava uma confusão na rua. Comecei a andar com uns caras mais velhos que me incentivavam a arrumar confusão. Gostava de rock e sempre ouvia em casa, mas, nessa época, já frequentava as danceterias, festas ou, às vezes, na casa de alguém que os pais deixavam sozinhos. Sempre as festas vinham regadas a bebidas e drogas, quase todas as vezes chego em casa no outro dia, ainda um pouco sob efeito de álcool e maconha.

Essa foi minha rotina durante toda a adolescência. Quase todos os finais de semana, estava drogado e bêbado, e já estava bem claro em casa o que estava fazendo. No começo, as coisas estavam ruins para os pais com relação ao seu filho. Mas calma, prezado leitor, as coisas vão piorar. Aos poucos ficam cada vez mais distantes os sonhos dos pais em relação aqueles planos de profissões, aos poucos vão perdendo o primeiro filho tão esperado, aos poucos o filho vai perdendo aqueles em que realmente podia confiar. Fui ficando cada vez mais distante daqueles sonhos de criança, daquele aconchego familiar, da intimidade com minha mãe e dos ensinamentos de meu pai.

Com meus quinze anos, já bem distante de todos, os projetos familiares eu já cheirava cocaína, de vez em quando. Mas nesse ponto do trajeto, os conselhos de meus pais tiveram que virar bronca, precisavam brigar comigo, a teimosia virou arrogância e falta de respeito, muitas vezes, bêbado ou drogado, eu discutia com eles.

Por falta de esforço de meus pais não foi. Por falta de educação não foi que eu tomei este rumo; foi por teimosia e más

companhias. Sabe aquelas coisas que os pais dizem, “não ande com aquele que não é boa companhia, é mau elemento” pois eles têm razão, mas a gente não dá valor nessa análise e sempre faz o contrário.

Meus pais nunca pararam de se esforçar para tentar salvar o filho de um futuro trágico. Minha mãe ficava na janela do quarto dela que era de frente pra rua esperando-me chegar na madrugada, meu pai ficava nervosos, pois eu chegava totalmente drogado.

Eu tinha conhecidos que moravam nas favelas e eu gostava muito de ir lá, gostava de ver as brigas com facadas, tiros e até mortes. Geralmente eu ganhava uns baseados quando ia, mas sempre que eu ganhava um dinheiro dos meus pais ou da minha madrinha eu comprava também. Mas como o prometido ao leitor, tudo começou a piorar.

Com dezessete anos eu já estava estudando à noite e vendia maconha no colégio. Isso quando eu ia pra aula. Às vezes trabalhava com meu tio ou com meu avô materno em pinturas residenciais. O dinheiro todo era para bebidas, cigarros e drogas.

Certa noite, na favela, aconteceu um episódio: foi dada certa quantia em dinheiro pra um cara ir comprar cocaína. Os caras que eram mais velhos deram o dinheiro, e o cara que foi para comprar não voltou mais. Depois de uns dias ele apareceu dizendo que a polícia o pegou e ele teve que jogar a droga, por isso não voltou. Não teve jeito, os caras o pegaram, espancaram e deixaram caído no chão. Começamos a beber e a fumar maconha. À noite, voltamos ao lugar onde o cara tinha ficado caído e ele ainda estava lá, só que estava morto. Assim, não havia mais o que fazer. Eu já tinha ouvido falar que outros já tinham tido este fim, mas foi desta vez que vi os caras resolverem aquele assunto com muita naturalidade, arrastaram o corpo e deixaram na linha do trem e o trem passou por cima. Ficou como um atropelamento pois ele estava bêbado.

Eu estava cada vez mais confiante com as minhas novas “amizades” e me sentia bem na companhia delas; vendia drogas, ganhava meu dinheiro, comprava mais drogas e, assim, seguiam meus dias. Até que o inesperado acontece. Eu estava em uma rua do centro da cidade, à noite. Havia faltado na escola e encontrei um cara de bicicleta. Ele queria comprar um baseado e advinha!? Eu tinha. Uma rua escura. Eu tinha recebido o dinheiro do cara e preparava uma porção ali mesmo, na minha mão. Em meu bolso 25 gramas de maconha, de repente, polícia!

Não deu tempo de nada, fomos presos, eu e o rapaz. Minha primeira vez em uma carceragem. Preso, um aglomerado de pessoas, cheiro forte de cigarros, uma luz bem fraca através das grades.

Foram poucas horas no xadrez que pareciam que nunca mais iriam acabar. Fui liberado no outro dia por ser menor de idade, mas os policiais civis me levaram em casa, pois eu não tinha documentos, apenas sabia meu nome, nome dos meus pais e endereço.

Durante as horas que fiquei lá, pela primeira vez em uma cadeia, eu fiquei impressionado com as conversas de alguns, fazendo planos de matar alguém ou comentando sobre um lugar pra assaltar, ou apenas conversando normalmente como se estivessem em casa, tomando café e fumando. Eles estavam acostumados, tinham alguns que só naquele ano me contaram que estavam passando por lá pela terceira vez consecutiva.

O que me deixou mais intrigado foi o fato que alguns deles já me conheciam, das madrugadas nas favelas e que talvez até já tivessem comprado drogas comigo. Dentro das celas, eu vi gente de todo tipo, alguns até alegres, dizendo que em um aninho iam embora, sem a menor noção de tempo, Um ano pra mim era muito tempo e para eles era praticamente nada. Tudo que sei é que era minha primeira vez naquele lugar e eu queria ir embora o mais rápido possível.

Eram seis horas da manhã, uma viatura para em frente da casa, meus pais saem pra me receber. Uma vergonha. Os vizinhos olhando pelas janelas. Pronto! Está estampado! Eu estou realmente envolvido com o crime. Em meu quarto depois da maior bronca de meus pais, eu refletia sobre aquele lugar que passei a noite, horrível e chocante. Eu não queria mais voltar lá, nunca mais.

O que mudou depois do primeiro contato com a prisão foi que comecei a me cuidar mais, para não ser preso novamente, mas as práticas continuavam, pois eu já estava contaminado pelo crime, ou seja, pelo tráfico.

Já não tinha muita responsabilidade com horários em casa nem no trabalho que é informal, mas que requer seriedade. Para escola já nem ia mais, abandonei os estudos. Meus pais fizeram de tudo pra ter o filho de volta.

Logo, com o dinheiro da droga que eu vendia, já comprava outras porções em gramas ou então usava e vendia. Começou, então, uma vida de muito cuidado com a polícia e com os familiares. Em casa, meus pais, por várias vezes, me chamavam e davam conselhos e broncas para que eu largasse daquela vida.

A cocaína era a droga mais “vip” dos dias de curtição. Resolvi conhecer melhor o comércio dessa droga, mas fazendo uso também, pois eu sempre queria estar como os que podiam usar o que quisessem, ou com os que eram livres. Com dezoito anos eu gostava muito de rock, drogas e álcool, passava dias sem aparecer em casa, noites em clubes, acampamentos e festas sempre regados a muita droga. Nesse momento, eu já fazia parte de um grupo que vendia para poder usar.

Quando eu ia acampar, sempre tinha muita droga e bebida. Armas sempre tinham. Um fim de semana no acampamento, íamos a maioria das vezes a pé, mas quando íamos de carro era mais especial, levávamos umas meninas que curtiam com a gente. Então era perfeito: sexo, drogas e rock. Em 2001 eu conheci alguém e me apaixonei no primeiro contato. Fiquei com medo, mas nos outros dias fui atrás dela novamente: a “pedra”, ou seja, o crack.

Lembro bem como aconteceu: eu vi a primeira pedra de crack com um amigo que veio do Paraguai. Fumei e me apaixonei rápido e fiquei muito eufórico. Tão elétrico. Muito, mas muito mais que com a cocaína. Fiquei corajoso e adorei aquele efeito que o crack causou em mim.

Eu apenas havia fumado maconha, cigarro, cocaína, bebidas, cheirado cola, benzina, *tinner* e o que aparecesse. Mas a

“pedra” era diferente, a sensação ótima, a euforia, me deixaram corajoso muito mais que a cocaína.

Às vezes eu cansava daqueles dias e noites de loucura, aceitava os conselhos dos meus pais e até ia à igreja com eles. Prometia que iria parar, eles ficavam felizes, mas, quando menos esperavam: cadê o Willian? - já sumiu.

Eu sempre tive o apoio da minha família, poderia estudar, trabalhar e seguir uma religião. Meus pais ainda se esforçaram para tentar me ajudar. Ainda fumava maconha, cheirava e bebia, mas o crack começou a mudar minha vida. E agora tudo o que eu conseguia de dinheiro era pra fumar uma “pedra”.

E depois de dois ou três dias sem favelas, ou pelo centro da cidade, eu aparecia em casa. Minha mãe, preocupada, me recebia e me pedia pra parar. Tomava um banho, jogava minhas roupas sujas no banheiro, colocava roupas limpas, comia e ia dormir, pois às vezes estava sem dormir a dois ou três dias. Meu pai, nessa época, já era motorista de ônibus circular da cidade e passava muita vergonha, pois outros colegas motoristas perguntavam “aquele é teu filho?”

Minha aparência já falava muito sobre meu comportamento: tinha emagrecido bastante, tinha feito umas tatuagens, camisetas sem manga, calça rasgada e sempre drogado ou em alguma esquina bebendo. Logo começou a polícia perceber aquele estilo e cada vez que eu encontrava uma viatura era revistado. Mas eu já havia sido preso muito tempo atrás e fazia de tudo para que não fosse pego novamente, às vezes eu andava com a droga na mão e se precisasse jogava fora, era uma disputa arriscada.

Com o tempo fui ficando mais esperto e já era muito difícil me pegar. Corria se escondia em favelas ou em terrenos baldios, pelo centro mesmo. Meus pais ficaram impressionados com tamanha mudança em minha aparência e comportamento, que piorava cada vez mais.

A cocaína simplesmente sumiu do meu cardápio, pois a pedra satisfazia melhor, ainda bebia e fumava muito. Meus pais tinham que enfrentar um interrogatório constrangedor de vizinhos e parentes, tios, tias e todo mundo perguntando: O Willian está usando drogas pesadas? Era lógico que todo mundo sabia, mas aquelas perguntas machucavam meus pais, que tinham que responder. Pronto! Transformei a vida da minha casa em um inferno.

Comecei a roubar, pois cada vez mais precisava do crack. Eram muitos roubos, à noite, madrugada e, às vezes, durante o dia. Eu roubava muito. Um dos mais tensos foi um assalto. Roubamos um estabelecimento e saímos com as armas e o dinheiro. Para fugir, estávamos com uma moto, com uma meia vestida na placa, para não ser identificada. Quando subimos, a moto não funcionou, eu empurrei a moto com o meu parceiro em cima para uma descida e pulei na garupa e mesmo assim a moto não pegava. Encontramos uma viatura da polícia que passou por nós sem nos perceber, então conseguimos chegar a um lote vago. Tombamos a moto no capim e fugimos a pé, correndo até a minha casa.

Se a polícia tivesse nos perseguido, teria prendido, com certeza. Chegamos na minha casa e escondemos as armas, o dinheiro e trocamos de roupas. Falei para o meu pai que a moto do meu amigo tinha estragado e que a escondemos no mato, e que ele precisava ir até lá, rebocar a moto com o carro dele. E ele aceitou nos ajudar. Precisávamos ser muito rápidos e meu pai quase desconfiou. Amarramos uma corda na moto e no carro. Meu pai, totalmente inocente, levou o meu amigo pilotando a moto e sendo puxado pelo carro.

Eu era bem conhecido por traficantes e ladrões, já começava a ser chamado pelo nome em batidas policiais. Isso era um sinal que já sabiam de mim. O consumo do crack aumentava e cada dia eu precisava de mais, foi aí que realmente começou o

inferno em casa. Comecei a roubar de casa, pois às vezes era mais fácil.

Meu comportamento depois do crack explodiu e em toda a vila em que eu morava, me tornei um escravo da “pedra”. Perdi toda intimidade com minha família, perdi toda a confiança em casa. O que realmente me importava era satisfazer o meu vício, a minha dependência. Dependência. Essa palavra eu sei bem o que é, para explicar, em algumas palavras, a dependência do crack é assim:

Você acorda pela manhã, uma pessoa “normal”, sem vício nenhum e não toma café nem come nada, fica em jejum até a hora do almoço. Quando é hora de almoçar, você também não come nada e continua em jejum. À noite, mesma coisa. Então, seu organismo começa a reagir: dores no estômago, na cabeça e outros sintomas.

Pronto! Esse é o processo que sem o crack por várias horas, seu corpo começa a reagir, pois necessita da droga e aquilo te incomoda bastante. Da mesma forma que uma pessoa com muita fome vai atrás de comida, o viciado em crack também. Geralmente, não só é viciado em um tipo de droga, mas em várias e isso causa um tormento muito grande. A mente totalmente desorganizada, pode levar a cometer qualquer coisa, por uma pedra, inclusive roubar dos próprios pais.

Não respeitava ninguém, nem minha própria vida, não queria saber a opinião de ninguém, só a minha; não sabia o que eram os sentimentos dos outros. Às vezes, eu percebia a tristeza de meus pais e minhas irmãs, mas isso não fazia efeito em mim. Eu já estava frio e minha nova família era o crime e as drogas.

Eu tinha muita “sorte” de arrumar uma briga e gostava de brigar na rua. Nessa época existiam as galeras, (assim eram chamados os grupos das vilas que saíam para brigar nas noites da cidade), e, com certeza, eu também tinha a do meu bairro.

Muitas manhãs, eu cheguei em casa muito bêbado e machucado, nessa altura dos acontecimentos, meu pai já estava desistindo de mim, minha mãe ainda colocava remédios em meus ferimentos, resultado de brigas.

Às vezes, eu chegava em casa de madrugada, e pulava a janela do meu quarto para entrar sem acordar ninguém. Minhas irmãs também sofriam com meu comportamento e não confiavam em mim, pois eu já as havia roubado também.

Logo, já tinha uma arma de fogo. Algumas eram adquiridas por outros caras que vendiam drogas e entre nós eram compartilhadas. Lembro quando eu tive a minha primeira arma, um revólver calibre 22, comprei de um cara que havia roubado de um caminhoneiro. Ele achou dentro de um caminhão que havia assaltado durante a madrugada.

Depois, adquiri algumas espingardas e outros revólveres. Eu tinha um fascínio por armas. Cada vez que conseguia uma nova, gostava ainda mais. Elas vinham dos furtos de casas, carros e eram trocadas por drogas. Nas madrugadas, sempre atirava com elas nas favelas e, quando ia acampar, era um exibicionismo que me deixava muito satisfeito.

Em 2005, teve um desentendimento entre a minha irmã e o namorado dela. Eu estava cheirando cocaína e bebendo conhaque, e me envolvi na discussão deles. Eles estavam em frente à nossa casa, meus pais estavam tentando apaziguar a discussão e eu saí sem saber direito o que estava acontecendo e o porquê da briga. Saquei uma dessas armas e dei dois tiros no cara. Felizmente, ele não morreu, mas foi um grande choque para os meus pais, pois eu agi na frente deles. Ele caiu e eu fugi, meus pais e minha irmã o socorreram. Fiquei duas semanas foragido, alguns dias escondido na casa de uma tia e logo depois, fui para a favela. Meses depois, fui preso, mas liberado até o dia do julgamento.

Condenado a responder em liberdade, todo mês eu deveria me apresentar no fórum e assinar uma carteirinha. Também tinha que terminar meus estudos, determinado pela justiça. Foi a primeira vez que a justiça começou a me doutrinar. Diante de outros caras sentia um orgulho grande, pois me sentia mais “bandido” que os outros. Já tinha sido preso e isso dá uma sensação de liderança. Na verdade, os caras que eram mais respeitados, eram aqueles que já tinham “puxado uma cadeia”.

Minha família sofria com o que os outros falavam de mim. Eu andava todo sujo. Três, quatro dias sem banho, sem aparecer em casa e sem compromisso com nada. Apenas queria usar alguma droga e, para obtê-la, qualquer coisa era feita.

Infelizmente, onde a droga chega é uma corrente de crimes que está por acontecer. Preciso usar, não tenho dinheiro, vou roubar, roubei, preciso vender. Às vezes, brigas entre drogados acabam em homicídios, dívidas acabam em mortes, assaltos com os elementos sob efeitos de drogas, principalmente o crack, acabam com um fim trágico para as vítimas, latrocínio.

Infelizmente, eu inspirava outros jovens a serem como eu. A vida neste “mundo” é uma aventura perigosa e muito triste para os pais, mas também, existem aqueles que os próprios pais estão no mesmo “mundo”. Famílias inteiras totalmente envolvidas, menores de idade, abandonam a escola, depois de descobrir a sensação da droga. Eu já não frequentava a casa de parentes, pois não era bem visto - e com razão - minha vida era rua, drogas, roubo, favela e muito cansaço. Tinha dias que estava realmente esgotado.

Um dia quando cheguei ao amanhecer, meu pai me fez um convite: que fôssemos a uma chácara onde funcionava um centro de recuperação, pois eu estava muito abatido por uns quatro dias na “cracolândia” da cidade. No dia seguinte, fomos para tal chácara, mas no caminho eu já estava arrependido de ter aceita-

do.

Chegamos em um local bem bonito, um monte de cara em recuperação, uns até me conheciam. Com muita conversa, aceitei ficar uns dias até quando quisesse. Fiquei um dia e fugi. Fugí em uma ambulância. Cerquei-a em uma estrada de terra e pedi carona até a rodovia. O motorista não queria, mas convenci e acabei indo até o pronto socorro, lá eu já estava no centro da cidade. Chamei um motoboy, amigo meu e fui direto pra “cracolândia”.

De volta à cracolândia, a madrugada foi para tirar o atraso. Usei muito crack ou pedra. Cheguei em casa de manhã e meus pais se assustaram. Tudo de novo, acabei com a alegria deles. Algum tempo depois, me envolvi em uma briga e ganhei. Ganhei 35 pontos na cabeça e uma cirurgia para retirar um coágulo de sangue, que se formou no meu cérebro.

Depois de uma briga, fui atingido por uma pedrada que trincou meu crânio. Andei muito ainda para chegar em casa, perdendo muito sangue, mas consegui.

Acordei em uma cama, com uns negócios grudados em meus braços. Eu escutava alguma coisa apitando e carros que passavam pela rua. Bem na cabeceira da cama, tinha uma janela. Eu ouvia os carros e a luz de fora deixava o lugar um pouco claro.

De repente, uma enfermeira entrou e eu pedi água, pois estava com a boca seca. Ela disse que não e eu falei para ela chamar meus pais que estavam do lado de fora. Ela disse que não estavam. Insisti, dizendo que meus pais estavam ali fora, pois tinham acabado de me trazer. A enfermeira falou: “William, eles trouxeram você, mas isso já faz dois dias.”

Eu estava na UTI, levei um susto. Fiquei com raiva, pedi água novamente, ela disse que não. Arranquei umas mangueirinhas do meu braço e espirrou sangue no lençol. A enfermeira

saiu correndo e logo entraram dois homens, também enfermeiros. Seguraram meus braços, o que não foi muito difícil, pois eu estava fraco. Eu tinha tentado levantar, mas não consegui. Voltou a enfermeira e um médico. A mulher me disse coisas para me acalmar, molhou um algodão na água e colocou em meus lábios.

O médico me explicou, que eu havia sofrido um traumatismo craniano, que logo sairia dali e iria fazer alguns exames. Fiz o exame e acusou: dez dias em um hospital e uma cirurgia arriscada para retirar o coágulo.

Quando fui conversar com o doutor, antes da cirurgia, fiquei surpreendido com uma pergunta: “Você acredita em Deus?” Nesse momento, passaram várias coisas na minha cabeça, mas respondi o que eu realmente sentia: Sim. O doutor me respondeu: “Que bom, porque se você não acreditasse, eu lhe diria para começar a acreditar”.

Foram dias de reflexão, dez dias internado sem nada de drogas, o que foi resolvido rapidamente quando eu saí. No mesmo dia, já cheirei cocaína e fumei um baseado. Pronto! Tudo voltou ao normal: bebidas e drogas, roubo, assaltos, eram fontes do dinheiro para o meu consumo.

Realmente, os planos dos meus pais foram por água abaixo. Meu pai, sempre trabalhador, estava em uma fase ruim e o culpado era eu. É muito difícil para um pai ver o filho que ele criou, agora nessa situação e, pior, são os vizinhos e parentes perguntando sobre mim. Então, o mundo do crime é complexo. Eu comecei usando drogas, depois estava roubando, mas presenciava outros crimes que eram ainda desconhecidos e, aos poucos, fui aprendendo tudo.

Veio a segunda chance de recuperação. Em uma madrugada, estava muito drogado: tinha fumado crack e bebido muito.

Não que isso fosse novidade, mas nesse dia foi diferente: eu cansei, eu estava em um ponto do usuário em que a droga já não causa o efeito desejado, mas eu tinha que usar, pois o organismo pedia. Não vivia mais sem aquilo. Mas, nessa madrugada foi diferente: eu estava sentado em um barraco na favela, com uma grande quantidade de “pedra”. Tinha passado a noite vendendo e fumando. Fiquei, aproximadamente, uma hora dentro de um esgoto, só com a cabeça para fora da água, pois a polícia tinha me abordado e eu corri. Estava armado e com drogas.

As lanternas passavam por perto de onde eu estava na água e eu me abaixava. Eles desistiram, mas ficaram muito tempo me procurando e eu ouvia a conversa quando estavam bem perto. Os policiais queriam saber quem correu.

Depois de muito tempo eu saí do esgoto e fui para uma favela em um barraco que servia de “boca”. Ali peguei umas roupas velhas e um chinelo. Joguei fora a roupa que eu vestia, mesmo assim o cheiro era insuportável, pois eu precisava de um banho. Perdi a droga toda na água e apenas o revólver ficou comigo. Mas logo estava com uma quantidade de crack novamente. Estava amanhecendo o dia e me deu uma angústia, aquela situação toda da madrugada. Eu pensei que se eu tivesse morrido teria sido melhor. Fui pra minha casa, ou melhor, a casa dos meus pais.

Já tinha tomado um banho, fui tentar comer, não consegui, pois minha garganta estava machucada de tanto crack fumado no cachimbo. Estava queimada e eu não conseguia engolir, apenas tomar leite. E mesmo assim doía.

Acordei.

Era começo da noite. Esse ritmo era normal: dormia durante o dia, depois de várias noites na rua. As coisas estavam estranhas em mim, me sentia arrependido, cansado e, pela primeira vez em muitos anos, eu queria parar. Minha mãe foi a primeira pessoa a saber.

Minhas irmãs e meu pai ficaram surpresos, mas surpresos mesmo. Meu pai assim que soube que eu havia dito pra minha mãe que eu queria parar, que não aguentava mais, chamou um pastor, que logo chegou em casa. Fui conversar com ele, a proposta era simples: aceitar um tratamento em uma “casa de recuperação”.

À noite, tudo arrumado em casa, minha mala tinha sido feita pra ir para “a chácara”. Meia noite, me bateu uma vontade de sair... levantei e dei de cara com a casa toda trancada, sem nenhuma chave nas portas e as janelas todas com cadeados. Era a estratégia do meu pai, pois sabia que eu poderia fugir e estragar todo o plano, que seria sair logo pela manhã.

Seis horas da manhã, eu estava dentro do carro em direção ao local. Durante todo o trajeto, meu pai falava que estava feliz por estar acontecendo aquilo, minha mãe me pedia para não fugir, como eu fiz na primeira tentativa de internamento.

Realmente, era uma chácara: acho que tinha uns setenta homens, todos curiosos para ver quem tinha chegado. O primeiro contato foi com o diretor do local, que me explicou as regras, foi a primeira coisa que não gostei: “regras”. Logo depois da conversa, fui embaixo de uma árvore, conversar com os meus pais. Eles estavam felizes, mas felizes mesmo, por eu concordar em ficar.

Na realidade, o que me deixou com um pouco de vontade de ficar naquela manhã, foi o momento de intimidade que eu tive com eles, depois de tanto tempo, pois já havia perdido esse

diálogo, intimidade de filho com os pais. Senti-me um “membro da família”, o que realmente eu tinha deixado de ser.

Os três primeiros dias no lugar foram tranquilos, muitos lugares para conhecer, muitas pessoas, algumas me conheciam, das favelas ou das bocas, onde eu fumava e vendia. Nesses dias, o seu psicológico está distraído com muitas novidades, conversas, histórias, mas não durou muito. Logo, começou a “tortura”.

Em uma noite, sonhei que estava fumando uma pedra de crack e era deliciosa a sensação da droga percorrendo meu sistema nervoso. Em muitas outras noites, um sufoco que até hoje eu não sei como suportei: muitos vinham da “cracolândia” da cidade, que é um lugar cheio de vidas sendo destruídas pela droga.

Uma semana com muito sofrimento: dor de cabeça, insônia, vômito, falta de apetite e sem nada de drogas. Eu nunca fiquei uma semana inteira sem usar nada, e agora alguma coisa me segurava naquele lugar: o Centro Jovem de combate às drogas.

Todos estavam envolvidos em atividades, da manhã até a tarde. Trabalhamos, e também, participamos de cultos e estudos bíblicos. Tantas histórias de quem venceu. Um dia, chegou um cara com uma moto e todos foram encontrá-lo. Eu olhei e o reconheci. O cara era da “cracolândia” e um dos mais radicais, entre os traficantes e usuários.

Fui falar com ele e estava mudado, mas eu não acreditei. Achei que ele estava ali para dar um golpe, ou roubar, sei lá. Mas, a aparência dele era outra, o jeito de falar era outro. Ele me deu vários conselhos bons. Eu acabei ficando curioso, pois sabia que ele era outro. Para minha surpresa, era ele que daria um curso bíblico naquele dia.

Curiosidade foi a primeira coisa que me chamou a atenção. Naquele período do início do tratamento, eu ouvia relatos de caras que eram iguais a mim, ou piores até, que estavam lá há

oito meses, alguns há um ano já e eu queria experimentar aquela sensação.

Os primeiros meses foram muito sofridos: a comida tinha gosto ruim, o sono não vinha, era muita obrigação. Acordar cedo, arrumar a cama, orar para receber o café, estudar, trabalhar, orar para almoçar, limpar o refeitório, mas aos poucos, eu fui percebendo que as atividades iam fazendo eu esquecer as drogas. Ainda tinha os sintomas, a falta das substâncias no organismo causam reações.

Recebi a primeira visita dos meus pais. Foi chocante pra mim entender o tamanho da alegria deles ao me verem “limpo” por tanto tempo. Aquilo me deixava contente comigo mesmo. Minha mãe me olhava com um brilho nos olhos, percebi que era uma mistura de alegria e medo que eu desistisse, mas sempre me encorajava a não desistir. Meus pais, sempre me dando conselhos que eu iria conseguir, se fosse homem pra suportar a parte mais difícil, que era exatamente o começo. Agora, começava a perceber que apenas estava sendo reeducado por estranhos. Mas, eu tive meus pais sempre tentando me direcionar ao caminho certo. Não os escutei, então agora teria que ser assim.

Quando eu conversava com os responsáveis pela casa de recuperação, eu ficava imaginando que eram iguais a mim, drogados, mas que, hoje, estão estruturados com suas famílias.

Os dias de visitas eram uma festa. Até alguns amigos iam me ver, era um milagre. Eu realmente estava sem usar nada há muitos meses. Comecei a gostar das atividades e principalmente dos resultados, os sintomas foram sumindo. Os pastores tinham auxiliares, que acompanhavam os internos e eram pessoas que se recuperavam ali mesmo e continuavam trabalhando.

Conheci muitas vidas ali, pessoas que eram de outros estados, às vezes moradores de rua, mas que tinham uma família longe. O problema é que vieram procurar emprego e acabaram

conhecendo a “pedra”. Você perde tudo, quando se torna dependente: começa pela confiança em casa, sua saúde, seu emprego, sua família e por fim, o que resta perder é a própria vida.

Vi um cara que esteve na casa de recuperação, que ficou um mês. Conversava bastante com ele, mas ele queria voltar pra rua, pois era sem regras e obrigações, sem muita coisa para se preocupar, apenas em como conseguir dinheiro para usar, e isso era fácil, só roubar. Saiu de lá e me disse que ia curtir mais um pouco, que ele era apaixonado pela “pedra”. Alguns dias depois, o pastor trouxe a notícia, acharam o rapaz morto.

Foram muitos acontecimentos que me fizeram ficar firme, mas o que me garantiu a mudança, foi Deus e a minha vontade de querer mudar. Oito meses se passaram e eu já estava bem diferente: me sentia bem, e orgulhoso por conseguir. Minha família radiante me visitava e logo dei uma notícia para eles: fui convidado pelos pastores para ser um auxiliar da casa de recuperação.

Agora eu recebia novos internos e até dava conselhos bons para eles. Quem diria? Agora, tinha que enfrentar a realidade, conviver com as pessoas e resistir às tentações das drogas. Eu estava livre de qualquer vontade e tudo o que tinha no meu organismo tinha sido eliminado. Mas, eu jamais esqueceria do gosto e da sensação de uma pedra de crack. Todas as drogas te dão uma sensação boa e são gostosas de usar, mas o prejuízo é muito maior. Agora, eu trabalhava com os outros internos, organizava os trabalhos, direcionava conforme era orientado pelo pastor do local. Era eu que observava quem chegava. Muitos chegavam da rua e não acreditavam que era eu.

Já podia sair, fazer alguns serviços de direção, ir ao centro da cidade e voltava pra chácara. Depois de ter vencido um período horrível da minha vida, consegui me livrar das drogas e para minha família, foi um verdadeiro alívio.

As noites tranquilas que eu estava passando eram momentos de reflexão, pois nesses momentos, eu lembrava das madrugadas correndo perigo, muito drogado, às vezes, fugindo da polícia, ou brigando na rua. Geralmente, quando eu estava sozinho, à noite no quarto que eu tinha só para mim, na casa de recuperação, eu relembrava todo o meu passado e confesso que eu mesmo ficava assombrado com o que fazia. Eu ouvia muitos relatos dos caras que chegavam para se tratar e geralmente contam tudo com orgulho, mas existe uma regra nos centros de recuperação: evitar esse tipo de assunto com os internos que já estão em tratamento, pois as lembranças dependendo “em quem”, podem ser um motivo para uma recaída.

Chegou o grande dia de ir pra casa. Quem diria? Passei nove meses sem drogas, estava livre. Trabalhei com os pastores e responsáveis, aprendi muito e entendi o que é se livrar do mundo do vício. Quando cheguei em casa, tudo era motivo de festa.

Minhas irmãs e meus pais faziam de tudo pra me agradar e perguntavam o que eu queria comer: compravam ou faziam para mim. Era uma vida nova em casa. Acordava de manhã e já ia tomar café. Todos juntos, oramos, antes de todas as refeições e eu sentia nossos laços de união cada vez mais fortalecidos.

Mas, apesar de todo acolhimento que eu recebia, era inevitável, ainda havia uma certa desconfiança no começo. Logo, eu percebi: eu saía de casa e voltava à noite, minhas irmãs e minha mãe iam ao meu quarto, conferir se realmente estava sóbrio. Essas desconfianças não me incomodavam, eu até entendia, pois foram muitos anos vivendo naquela mesma casa e totalmente marginalizado. Ninguém podia confiar em mim, “Será que em nove meses realmente estava mudado, ou não duraria muito a ausência das drogas?”

Eu fui sempre à igreja com o meu pai. O pessoal da igreja, vizinhos, parentes e até pessoas que nunca percebi, vinham me

cumprimentar, me parabenizar por ter mudado e eu era visto ali onde eu morava, como drogado, ladrão e briguento.

Pessoas que eu nem percebia quando passava, agora vinham me dizer que quando me viam na rua, desviavam de mim por medo. Isso causava em mim uma sensação positiva, pois eu sabia que agora realmente as pessoas estavam acreditando na minha mudança.

Extremamente perigoso são os “amigos” que ainda fazem parte do “mundo das drogas”. Eu precisava estar longe dessas amizades, mas eu me sentia tão bem “careta”, que eu tinha certeza que eu queria continuar “limpo”. Entendia porque muitos recaíam e voltavam a usar. Uma coisa leva a outra. Eu parei radicalmente, mas se eu tomo um gole de cerveja, logo vou fumar um cigarro, e vou com o raciocínio desorganizado por conta do álcool, e daí o próximo passo são as drogas, por isso que o abandono de todos os vícios é importante.

Eu me sentia poderoso ao negar um baseado ou um gole de cerveja. Eu tinha prazer em ver o espanto nas pessoas que me conheciam.

Um dos motivos que me fizeram prestar atenção em outro perigo: uma bela mulher e uma garrafa de vinho. Eu não bebia e nem fumava nada, já fazia mais de um ano, mas saía com algumas meninas que cheiravam, bebiam e fumavam. Uma delas, em especial, eu gostava muito e ela tinha uma missão: trocar notas falsas de “100 reais”. Uma mulher bonita e bem vestida. Nós saímos e ela trocava várias notas. As trocas eram estratégicas: analisava o cara que estava no balcão e qual o estabelecimento. Chegava, conversava um pouco, comprava alguma coisa e na hora de pagar, já estava amiga do cara, que ficava todo feliz com a amizade da gata. Então, ela pegava a conta dizendo que só tinha uma nota de 100,00 e assim, eram em vários lugares, durante uma mesma noite.

Um dia, fomos a um apartamento e ela separou umas notas pra sairmos curtir. Antes resolveu cheirar um pó, tomar um vinho e foi quando eu percebi outro perigo: a “mulher”. Eu não tinha vontade de cheirar e nem de beber, mesmo olhando isso na minha frente. Ela veio e me beijou, senti o gosto do vinho em sua boca e ela me ofereceu um gole. Olhei bem dentro dos olhos dela e vi que aquilo era uma armadilha da ocasião. Não que ela fosse culpada, mas ela estava me induzindo, mesmo inconscientemente.

O gosto do vinho na boca dela me deixou preocupado, pois fazia muito tempo que eu não sentia o gosto de bebidas e nem de nada. Isso me trouxe várias lembranças daquele gosto. “Acordei”, saí do sofá e disse pra ela que eu ia embora, que não ia sair com ela naquela noite.

Na verdade, eu já estava no lugar errado, pois na igreja com meus pais, já tinha parado de ir. Sei que ela não entendeu nada, mas saí do apartamento e na rua, a tranquilidade e a sensação de alívio era prazerosa, pois eu venci mais uma tentação. Eu tinha prazer em contar essas coisas em casa, mostrava que realmente aquele cara drogado e sem controle, não existia mais.

Uma das primeiras coisas que percebiam em mim eram: a aparência, roupas boas e mais saudável. Agora as pessoas perguntavam aos meus pais, o que aconteceu com o William?

O quadro de amigos começou a ficar diferente. Já andava com pessoas que eram bem vistas e a maioria também não usava drogas. Alguns, apenas cigarros e cerveja.

Um desses novos amigos, era um cara bem de vida que tinha uma loja de roupas. Um fim de semana saímos com umas amigas dele e para minha surpresa, as meninas queriam cheirar cocaína. Só eu conhecia algum lugar que possivelmente teria, pois elas eram de outra cidade.

Foram muitos anos, frequentando muitas “bocas” na cidade, pois eu sabia onde encontrar o “pó”. Comprei e saímos. Fomos para uma chácara e várias vezes durante a noite e madrugada, tive que voltar, para comprar mais pó.

Logo que as coisas começaram andar pra esse rumo, eu sempre frequentava “bocas” pra comprar drogas, pois era uma classe diferente de usuários, aqueles que não tem acesso às favelas. Às vezes por medo ou por falta de conhecimento mesmo.

Agora, outro motivo que me dava prazer, era ser “elogiado” pelos traficantes. Antes era eu quem chegava de madrugada, todo mal vestido, dois ou três dias sem dormir e comprava umas drogas deles. Agora, apenas levava clientes para eles.

Em casa, minha vida estava tranquila, todos tinham certeza que eu não usava mais nada, pois se estivesse usando novamente, a mudança seria radical. Todos perceberiam, até porque nunca fui controlado no uso, sempre usei muita, quase a ponto de ter uma overdose.

Conheci uma menina que tinha recebido uma herança do seu pai que faleceu. Alguns caras indicaram que ela me procurasse, pois ela queria comprar umas “pedras”. Levava-a, umas duas vezes por dia, nas bocas pra comprar crack e aquilo me despertou um interesse: o dinheiro.

Entrei em uma grande corrida atrás do dinheiro, pois ainda não havia arrumado emprego. Então, eu vi esse conhecimento que eu tinha com os traficantes e o acesso às bocas como uma forma de renda. Comecei a atender algumas pessoas bem discretas, que cheiravam cocaína e o dinheiro era rápido. A quantidade dependia do quanto eu vendia, então resolvi vender e ganhar muito. Eu me achava muito forte e ficava orgulhoso por ver que eu não usava mais. Aquilo foi meu prazer por muitos anos.

Em casa, perceberam a mudança, pois eu tinha dinheiro sem trabalhar. Minha mãe e meu pai tinham muito medo que eu

voltasse a usar. Eu conhecia todos os caminhos de um viciado e comecei a vender crack, que era o “carro chefe” das bocas.

Eu comprava 50 gramas de crack, que na época custava 500 reais e fazia 1.200,00 reais. Comecei a chegar de madrugada, minha mãe vinha me encontrar preocupada. Perguntava se tinha fumado ou bebido e eu respondia que nunca mais iria usar nada. Percebi que meus pais estavam preocupados e que logicamente eram contra meus comportamentos, mas eles não falavam muito, por medo que eu voltasse a usar, e eu percebia isso em silêncio. De uma certa forma, comecei a me aproveitar disso: o grande medo para que eu voltasse a usar drogas. Então, comecei a vender e logo meus pais perceberam.

Eu tinha muito conhecimento e isso facilitou minhas vendas. O dinheiro é rápido, vendia em casa, nas favelas, nas noites pelo centro da cidade e em boates. Tudo começou com uma quantidade pequena, mas que logo precisei aumentar.

Nossa, para mim era uma outra vida. Agora, eu comecei a entender o “rumo” do tráfico. Lembrava de quando eu roubava para comprar crack, quando eu vendia tudo o que eu tinha, para comprar uma “pedra”. Eu realmente estava livre do uso, jamais usaria qualquer droga, e também porque comecei a planejar coisas com o dinheiro, que muitas vezes eu pensei em fazer, ou ter alguma coisa. Agora via possibilidades.

Meus pais não aceitavam dinheiro meu, pois sabiam que era da droga. Logo, muita gente começou a perceber movimentação em casa durante o dia, noite, madrugada e muitas pessoas diferentes. O que me fortalecia era aquele orgulho por não usar mais, ter controle diante das drogas e não recair, pois isso era impossível antigamente. Comecei a conhecer outros traficantes e comprava cada vez mais drogas. Eu mesmo vendia, saía de casa, pois morava com meus pais. As coisas começaram a mudar. Muita gente me procurando e eu precisava de um local para

vender, para que o pessoal se acostumassem e esquecesse da casa dos meus pais.

Ficava na favela o dia inteiro, só voltava para casa à noite, com dinheiro, roupas, tênis, coisas do mercado. Isso não faltava, nunca faltou. Meus pais, sempre honestos e trabalhadores, nunca deixaram faltar nada, mas, agora era diferente. Eu mesmo comprava, eu mesmo decidia o que comprar e quanto pagar. Sabia muito bem como funcionava o “mundo dos usuários”, conhecia muito bem esse lado da moeda.

Às vezes, eu entrava em bares de pessoas que eram conhecidas no bairro e pesava a droga ali mesmo. Ninguém via o que tinha dentro do pacote, mas todo mundo sabia que eu vendia drogas. Quando você tem a droga, você tem vários “amigos”. Muitos eram companheiros meus para roubar e usar. Agora, eram meus clientes, agora roubavam pra mim.

Estava aprendendo a administrar esse tipo de negócio, que era muito rápido. Logo, tinha muito dinheiro e a droga começou a ser pouca. Tinha que aumentar minha compra. Aos poucos, fui conhecendo gente nova com preços melhores e assim aumentava meu lucro. Tinham alguns caras, que já eram meus companheiros em épocas de assalto, roubo e curtição. Esses eram os mais próximos e que começaram a vender pra mim. Eu ficava mais em casa.

Muitas vezes, de madrugada, os caras me chamavam e eu tinha que levantar. Era porque a droga acabou. Eu tinha que sair pra fora da casa dos meus pais, desenterrar e mandar levar mais, pois as vendas estavam boas naquela noite.

Eu ia até os fundos e tinha que desenterrar a droga, pois nunca sabia quando a polícia iria chegar. Deixava o dinheiro e a droga enterrados em lugares diferentes. Enterrava dentro de latas de tinta com tampa e dentro da lata, arrumava a droga em plásticos, para não umedecer. O dinheiro separado em outra lata

do mesmo jeito. Só eu sabia onde estava, mais ninguém tinha conhecimento disso. Comprava e nem precisava vender muito pessoalmente, mas eu gostava de estar nas madrugadas. Já tinha uns três caras vendendo para mim e, às vezes, eu saía para passar algumas horas longe do bairro, pois já estava bem procurado. Isso já estava chamando muito a atenção de todos.

Voltei a um lugar muito conhecido e onde eu vivi muita coisa: a “cracolândia” da cidade. Um lugar que a droga impera, que muitos vivem nas ruas e outros que têm suas casas, mas preferem ficar ali na rua, mais perto da droga. Passei várias noites naquele local. Muitas fugas da polícia, muitas brigas, muita droga. Saía dali, depois de três dias acordado, sem comer, sem tomar banho, e voltava para casa, mas logo já estava lá de volta. Muitos são os mesmos, ainda estão lá. Perguntam se eu parei e eu digo que sim, mas muitos não acreditam.

A vida na favela é difícil. Muitos sobrevivem com muito pouco: juntam papel nas ruas, ou limpam terrenos, mulheres diaristas, ou prostitutas ou as duas coisas, o mesmo cara que pinta uma casa também rouba. Fazem isso, não porque gostam, mas porque não tem dinheiro, às vezes, para sustentar os filhos.

Teve um caso que aconteceu com uma menina de uns doze anos. Ela sempre aparecia na esquina, onde nós ficávamos vendendo crack e pedia dinheiro. Sempre queria dois reais. Isso é um problema, pois trata-se de uma criança. Não era bom que ficasse perto, pois poderia entrar muito cedo para um caminho muito triste: a prostituição.

Um dia, fui até um barraco onde a menina entrava. Quase todo dia, ela levava um dinheiro pra lá. Uma senhora magra e com cara de sofrida saiu na porta do barraco. Perguntei quem era aquela menina que tinha entrado ali e ela disse que era sua filha. Então, pedi que não a deixasse mais sair para pedir dinheiro e perguntei porque ela ia, se era a mulher que mandava? A

menina apareceu na porta e a mãe perguntou o que ela tinha feito com o dinheiro. Ela respondeu que comprava doces e coisas para comer.

Outro dia, conheci o pai da menina. Um senhor que carpia terrenos. Todo dia saía com as suas ferramentas, e, às vezes, voltava sem nada de dinheiro. Fui falar com ele e fiz uma proposta: que eu usasse o barraco dele para eu cortar umas pedras e deixasse escondido lá. Quando acabasse o que eu levava pra esquina, pedi pra ele que não deixasse mais sua filha pedir dinheiro.

Tudo deu certo. No primeiro dia, eu usei o barraco do “véinho”, como eu o chamava. Deixei umas gramas de crack guardadas e fiz muitas “buchas”. Quando acabava, voltava buscar mais. Na primeira noite, dei cinquenta reais pro “véinho” e dei dez reais para ele entregar pra menina. O cara ficou surpreso com o dinheiro.

Alguns dias depois, o “véinho” nem saía mais para carpir lotes. Fui resolver de uma vez a situação. Outra proposta: dava cinquenta reais cada vez que eu usava o barraco dele. Ensinei ele a vender e eu não precisava mais ficar tanto tempo na esquina. Ficava até umas horas e depois comecei a indicar pra quem chegava, comprar no barraco do “véinho”.

Mas, ele ainda só vendia para mim. Mudou muito a rotina da família: a menina nunca mais saiu pedir na rua, ele nunca mais saiu limpar os lotes e a mulher dele passava pela esquina com sacolas do mercado, muito sorridente. Ela me cumprimentava e agora todo mundo sabia que o “véinho” vendia umas “pedras” pra mim.

Mas, as coisas iam mudar, para “melhor”. O dinheiro que eu pagava pra ele, ensinei ele comprar de mim o crack e fazer o dobro do que pagou. Eu vendia pra ele uma pedra de cinco gramas por cinquenta reais e ensinei ele a fazer doze pedras de dez reais. Todos sabem que correm risco de serem presos, mas

a satisfação de ver os filhos comendo coisas boas e se vestindo bem, te deixa corajoso.

Em poucos meses, o “véinho” já estava construindo um barraco maior. Sua filha ia para escola com tênis novo, roupas boas, uma mochila que não é igual a das meninas ricas, mas já é uma mochila boa, que ela não sentia vergonha de usar.

Pronto! Está pronto mais um traficante! Logo, o “véinho” começou a comprar uma quantidade maior. Em um ano, ele comprou outro barraco, que já podia chamar de casa. Vendi para ele um revólver 38 e agora, era até respeitado na favela.

O caso do “véinho” é apenas um. Existem muitos e muitos, mulheres, mães solteiras que os maridos são presos e acostumados com o dinheiro fácil que o marido tinha. Agora, tomam as “rédeas” do negócio e pronto! Está preparada mais uma traficante!

As dificuldades são resolvidas rapidamente com a droga. Essa é uma realidade cruel em várias comunidades. Alguns não sabem usar o dinheiro. Há outro problema: o alcoolismo. Ganham dinheiro, bebem mais do que ganham e assim vão se afundando.

Nesse quadro de novos traficantes, pessoas que não tinham o que comer agora fazem churrasco até dia de semana e incomodam o outro vizinho que continua não tendo nada. Logo, irá vender umas “pedras” para as condições ficarem melhores. Assim, eu fui ganhando espaço em outros bairros, “ajudando” as pessoas a ganharem dinheiro e trabalhando para mim. Não só apenas os “miseráveis” que eram seduzidos pelo tráfico, mas também conhecia muitos que eram trabalhadores e que nos finais de semana eu encontrava e saíam para curtir.

O que me chamava atenção era que os caras trabalhavam, tinham que esperar uma data para ter dinheiro: o dia do pagamento. Mas, diziam que já estava tudo certo para pagar as con-

tas e que não iria sobrar nada do salário. Era quando a droga começava a complementar o orçamento. Durante um tempo, vários caras começaram a vender drogas para mim e já começaram a ganhar muito mais que seus salários. Logo, não conseguiam manter-se empregados e se tornavam novos traficantes. Alguns, poucos por sinal conseguiram manter as “aparências” trabalhando também. Assim fica mais difícil de chamar atenção dos vizinhos e automaticamente da polícia. Conheci um cara que tinha uma família boa, bem estruturada. Os clientes que ele trazia eram sempre discretos e o produto era o pó que eles compravam. Comecei a deixar uma quantidade com ele, para que ele mesmo preparasse para o povo, sem precisar ir até mim. A esposa dele era professora e não sabia de nada. Fui algumas vezes na casa deles e eles tinham um filho também.

Os negócios iam bem, até que o cara resolveu fumar uma “pedra” para experimentar. Gostou, e como todos gostam, foram mais ou menos cinco meses de uso. Comecei a ter problemas: ele não me pagava mais certo como era antes. O dinheiro da droga mesmo não vinha, pois ele cheirava tudo, ou vendia a cocaína e gastava meu dinheiro com o crack.

O pagamento era com data marcada. Agora, ele já estava me pagando com o salário dele, que logo também não foi suficiente. Então, ele começou a trazer coisas da sua casa, como roupas, eletrodomésticos, e outras coisas. Eu estava saindo de uma favela, quando parou um carro na minha frente. A esposa do cara saiu me xingando, me disse que já sabia de tudo, que eu estava vendendo drogas para o seu marido e que eu estava acabando com o casamento dela.

Minha preocupação era o meu dinheiro e que ela não ligasse para polícia. Então, logo já disse que se a polícia fosse envolvida, quem iria sofrer as consequências, era o marido dela. Algum tempo depois, o cara apareceu na minha casa com dinheiro, me pagou e disse que iria parar, pois amava a mulher e o filho.

Foram muitos casos de pais, irmãs e esposas que me procuraram para tentar ajudar seus familiares que estavam envolvidos. Quando não se tem amor pela própria família, o que significa a dos outros? Aos poucos, fui ficando mais hábil nos negócios e assim fui instruindo os diversos “funcionários”.

Existem pessoas que se mostram extremamente irresponsáveis com o dinheiro que ganham com as drogas, outros se revelam ótimos administradores. Alguns investem o dinheiro em negócios lícitos e eu percebia isso. Tentava selecionar estas pessoas. Pessoas que veem no tráfico a grande oportunidade de mudar de vida e pessoas que não tem noção do grande negócio que é e acabam sempre sem nada pro futuro. Constrói uma casa melhor, sai da favela, mas não tem uma visão mais ampla de como investir. Muitos acabam sendo presos e perdem tudo com advogados e com familiares, que ficam na rua e acabam vendendo por necessidade.

Também, começam a aparecer as mulheres que ficaram em casa e seus maridos agora estão presos. Elas assumem as vendas, pois já estão acostumadas com o dinheiro rápido e fácil, ou, às vezes, para sustentar os filhos e até o marido na cadeia, até que ele mesmo comece a traficar lá de dentro e a ajude.

Finalmente, cheguei a esse ponto: onde as pessoas perderam o valor. O que me interessa somente é o dinheiro que elas trazem. Mulheres que viram traficantes para manter a “boca”, os filhos e os gastos. Elas já não conseguem sair desse “circuito fechado”. Trabalhar desanima, ganham pouco e agora já sentiram o gosto de uma vida boa. Algumas que não tem essa habilidade pra vendas, partem para a prostituição.

Comecei a organizar as coisas, os negócios se estenderam para cidades vizinhas e tudo ficou ótimo. Eu passava noites em boates e, às vezes, em motéis com garotas de programa. Muitas cheiravam cocaína e eu sempre tinha minha vida que era outra.

Meus pais sabiam como eu estava vivendo, muita gente sabia, inclusive a polícia.

Comecei a perceber viaturas que passavam pela rua da minha casa. Às vezes, eu estava na rua ou em mercados e percebia os policiais me olhando. Tinha certeza que eles sabiam, pois meu nome já estava muito falado.

A preocupação de ser preso existe, mas é logo esquecida pela comodidade que a vida no tráfico te proporciona. Eu me cuidava bastante, nunca tinha drogas em casa, apenas dinheiro e armas. Quando a droga chegava em minha casa, era por pouco tempo. Geralmente era separada ali e já entregue pro meu pessoal que estava lá, no mesmo momento. Depois, não ficava nada em casa.

A rotina era sempre a mesma: muita negociação, telefonemas, contatos com a cadeia e tentando expandir os negócios. Eu acabava me envolvendo com outros tipos de crime: indiretamente, eu encomendava coisas que eram roubadas. Comecei a construir uma casa, pois eu havia me envolvido com uma mulher e ela estava grávida. Agora, meu plano era ter uma casa, pois eu morava com meus pais.

Comecei a comprar coisas roubadas a madrugada inteira. Muitos caras chegavam durante as madrugadas com materiais, portas, janelas e tudo o que era possível. Eu pagava com crack, pois era mais barato do que gastar dinheiro.

Foi muito rápido e eu estava com a casa pronta. Meu pai me chamou um dia e me falou que estava todo mundo falando que eu estava construindo uma casa sem trabalhar e comprava um monte de coisa. Na verdade, todos sabiam que era dinheiro da droga, mas o prazer de perguntar pros meus pais, era pra de certa forma, constrangê-los.

Eu tinha uma coisa para me preocupar, agora uma situação nova pra mim e sobre isso eu conversava muito com minha mãe:

a gravidez da minha companheira. Todas as vezes que conversava com minha mãe, eu percebia a grande preocupação nos olhos dela. Tinha medo, pois todos falavam que a polícia estava de olho em mim.

Fomos fazer o ultrassom, uma alegria enorme tomou conta de mim. Minha filha ia nascer: era uma “menina”. Minha mãe passava horas na minha casa, conversando com minha companheira, fazendo planos para minha filha.

Tudo passou a ser diferente, tinha que cuidar da gravidez dela e tinha que cuidar dos “negócios”. Com a gravidez, ela passou a morar comigo e isso me fez ficar em casa. Não saía mais. Com isso, precisei aumentar as pessoas nas ruas e nas favelas, pois não podia mais estar muito presente. Resolvia tudo por telefone.

Estava saindo do shopping à noite com minha companheira, quando percebi um cara tirando fotos minhas com o celular. Eu vi e fui pro lado dele. Ele saiu andando rápido, mas eu não quis ir atrás. Percebi que era policial.

A partir deste dia, comecei a perceber outros caras e carros sempre me olhando. Às vezes, eu saía de madrugada, passava recolhendo dinheiro em alguns lugares, e vendo como estavam as coisas.

Eram 09 horas da manhã e eu liguei para um cara fazer uma viagem rápida. Ele iria buscar 3 quilos de crack, de ônibus. A viagem era rápida e até o meio dia estaria de volta.

Enquanto ele foi buscar, eu combinei com um pessoal que estivesse na minha casa, na hora do almoço, para buscarem a droga. Eram 11 horas, quando chegou o primeiro cara. Parou a moto e entrou. Minutos depois, chegaram outros caras de carro, pararam o carro e pediram para entrar. Foram pelos fundos onde estavam os primeiros que já tinham chegado.

Eu ouvi um barulho muito forte na sala e fui ver o que era. Eu estava com um revólver na cintura com calibre 38. Quando cheguei perto da porta, um cara mascarado com uma pistola me derrubou no chão e a única coisa que eu ouvi foi “ Polícia, você está preso!” Logo, a casa estava cheia de policiais e agora começa uma nova etapa da vida no crime.

Eram exatamente 11 horas e 45 minutos quando tudo começou. Reviraram toda a casa, acharam dois revólveres, queriam drogas. Eu tinha naquele dia um quilo de maconha, um pouco de crack e uma pistola. A polícia sabia que iria chegar a droga naquela manhã. Eles me falaram que sabiam. Pedi pro delegado me falar quem estava me dedurando pra ele, pois ele sabia realmente de tudo. Ele me disse que era uma investigação de alguns meses e que sabia até o que eu gostava de comer.

Estavam me acompanhando com filmagens, fotos e escuta telefônica, inclusive ele até citou uma cobrança que eu pretendia fazer em uma cidade próxima, que eu havia até ameaçado de morte a pessoa que me devia. Ele realmente sabia muita coisa, mas felizmente não sabia de tudo.

Reviraram a casa, acharam a maconha e a pistola, mas o crack não encontraram. Começou a tortura. Fui pro quarto algemado para trás e fui sufocado com uma sacola até desmaiar. Foram repetidas vezes, pois eles queriam saber onde estava a droga que tinha acabado de chegar. Percebi que eles sabiam que o cara tinha ido viajar de manhã, mas confundiram os caras que chegaram, com o cara que iria trazer a droga.

Agora, minha preocupação era que o cara chegasse com os quilos de crack, exatamente na hora que eles estivessem esperando, mas isso não aconteceu. Ficaram na minha casa a tarde toda até as 18 horas esperando.

Eu não entendi como o cara não chegou, pois eles ficaram fechados na minha casa comigo, com meu pai, minha compa-

nheira e minha irmã, fora os caras que chegaram para receber a droga. Todos estavam presos.

Tive um momento de muita raiva: eles me levaram para a casa do meu pai que era do lado da minha. Quando passamos pelos fundos, vi meu pai deitado com o peito no chão, junto com os caras que estavam presos. Aquilo me revoltou e eu comecei a me debater, pedi para que deixassem meu pai em paz, pois ele não tinha nada a ver com o que eu fazia.

O delegado me ouviu, mandou que tirassem as algemas do meu pai e que deixassem ele sentado junto com minha irmã e minha companheira no sofá. Aqueles momentos jamais sairão da minha memória, pois você percebe que realmente está impotente e que tudo acabou.

Às 20 horas eu estava na delegacia. Pude ver minha mãe de longe, meu pai, minha companheira e minha irmã. Um advogado falou que eu iria pro presídio no dia seguinte. Não dormi um segundo dentro da cela, horas horríveis, torturantes... você não sabe de nada e quer saber de tudo. Fui tirado bruscamente da minha vida, minha casa, meus negócios, tudo. Agora não tenho nada, não sei para onde vou, nem o que vai acontecer comigo.

A madrugada inteira chegando presos na delegacia, até alguns que eu conhecia. Comecei a perceber que tinha uns que estavam muito tranquilos, acostumados, já tinham passado por ali várias vezes. Amanheceu o dia, vieram e tiraram todos os que foram presos comigo. Ficou só eu e outros que chegaram na madrugada.

Já era meio dia quando me tiraram da carceragem para falar com um delegado. Entrei na sala, o delegado me fez perguntas sobre homicídios, armas, meu envolvimento com essas coisas e eu respondi. Logo depois, ele me mandou para cela novamente. Horas depois, um policial entrou, chamou meu nome e me entregou uma sacola com coisas para comer e umas cartas. Nem

peguei na comida, primeiro as cartas... nunca pensei que fosse tão importante receber uma carta.

Eram cartas da minha mãe, da minha companheira, falando que eles não iriam me abandonar. Impossível não chorar e eu chorei muito. Eu pensava agora na minha filha que iria nascer, eu queria e precisava estar lá. Pensava na minha família e em quanto tempo eu iria ficar sem ver meus pais e minhas irmãs e também, comecei a pensar na droga que o cara foi buscar, porque não chegou. Preso ele não foi, porque senão estaria ali junto comigo, ou chegaria mais tarde. Muitos negócios ficaram pendentes para eu resolver. Já era início da noite, quando me chamaram e eu fui encaminhado para o presídio.

Fiquei surpreso quando cheguei. Estava em uma cela toda de grades, parecia uma gaiola enorme e muitos presos vinham ali para ver quem havia chegado. Comecei a ver caras que há tempos não via e eles estavam lá na cadeia. Muitos olhavam e não falavam nada. Uns olhavam e me cumprimentavam, apenas diziam que já ouviram falar de mim. Comecei a receber convites, pra ir “morar” nas galerias, muitos caras me ofereciam vagas no xadrez. Fui retirado dali e fui para um lugar pequeno: uma cela com 40 presos, que aguardavam uma oportunidade para entrar “dentro da cadeia”.

Neste lugar, entendi que eu estava conhecido. Muita gente falava que sabia que a droga que vendiam em tal lugar era minha. Comecei a entender onde eu tinha chegado e o quanto eu era conhecido nesse mundo. Quando você chega em um lugar desses e você é conhecido, ou dependendo do crime que você cometeu, as coisas podem ficar boas ou ruins. Fiquei doze dias ali, muitos caras chegando com diversos tipos de crime. Os que cometem crimes de violência sexual são excluídos, se forem misturados com os demais, vão sofrer e podem até morrer.

Chegou o dia de entrar nas galerias. Lá estão todos os presos que são considerados bons pro crime. Era noite. Entrei na galeria. Muitos caras sentados no chão, uns fumando, outros jogando baralho e todos os “xadrez” fechados com cortinas. Começaram a sair das celas, abrindo as cortinas feitas de cobertores e me dando as boas vindas. Até parecia que estavam comemorando a minha chegada.

Fui morar no X2 da terceira galeria. Quando entrei a primeira vez dentro da cela, tinha TV, ventilador, chuveiro quente. Uma invenção feita com resistência de chuveiro, que servia para passar café e cozinhar. Era tudo bem limpo e organizado, até ousar dizer.

Na primeira noite, dentro da cela, recebi visitas de vários caras que vinham de outras galerias e outras celas pra me cumprimentar. Muitos dos que estavam ali, já haviam trabalhado pra mim antes. Alguns inclusive, eram maridos das esposas que vendiam fora para os ajudarem.

Na madrugada, veio um companheiro meu, que foi preso com uma droga que era minha. Ele me trouxe um telefone. Aquele foi um momento muito importante, pois eu tinha um monte de coisas pra resolver e queria saber da minha família. Quando meu pai atendeu o telefone, me segurei para não chorar, mas ele não segurou. Começou a chorar e minha mãe logo pegou o telefone pra falar comigo. Chamaram minha companheira e todos chorando. A primeira coisa que me perguntavam, era “Onde você está?” e eu respondia: “Estou na cadeia”. Mas, o que eles não entendiam era como eu estava ligando. Ali não era hora de ficar explicando isso, eu queria saber como eles ficaram depois que fui preso. Foi muito bom ouvi-los, depois de doze dias sem saber de nada.

No dia seguinte, logo cedo, saí pela cadeia conversar com o povo e saber como funcionavam as coisas. Em conversas e

acertos de valores, drogas que ficaram na rua pra eu receber, já peguei como parte do pagamento um telefone. Agora, pronto, eu estava em contato com o mundo exterior, minha família e com os negócios.

Uma das preocupações era saber para onde foi o cara que estava chegando com a droga no dia da minha prisão, o que ele fez com a droga? O pessoal na rua acharam-no e o colocaram para falar comigo. Ele me disse que a droga estava enterrada e que iria entregar pros caras que eu mandei atrás dele. Foi assim que eu comecei a traficar dentro do presídio. Logo, aquela droga virou dinheiro, comecei a mandar dinheiro pra minha companheira que esperava a minha filha e comprar mais drogas para abastecer os lugares.

Agora, tive que organizar dentro do presídio, meus negócios na rua. Todas as noites, eu passava no telefone entre ligações com minha família e com os negócios. O telefone estava muito bem escondido, pois ao amanhecer a polícia poderia entrar e dar uma “geral” na cadeia. Eu não podia ficar sem meu telefone, que naquela época custava 1.000,00 reais, um telefone que na rua era 200.

Eu já tinha drogas dentro do presídio e tinha uns caras que vendiam lá para mim. Geralmente, os caras que chegam na cadeia não tem família, não tem ninguém que os ajude. Às vezes, até alguns que moram na rua, são logo contratados lá dentro, para alguma ajuda que possam receber: cigarros, drogas, roupas, comida e até dinheiro, dependendo do que você precise deles.

Muitos aprendem a fazer artesanatos, outros aprendem a vender drogas, outros fazem contas e não pagam. São cobrados, espancados e depois vão para um “seguro”. Um lugar onde ficam os presos que não são considerados dignos de conviver com os criminosos, estupradores, caguetas e crimes contra mulheres, idosos, crianças e dívidas com outros traficantes.

Durante o tempo que fiquei lá, vi muitos saírem arrastados, sem dentes, braços quebrados, machucados e inconscientes. Alguns não têm nenhum desses problemas, mas acabam arrumando confusão e sendo expulsos da cadeia. Vão para o seguro também.

Existem regras em cada xadrez. Têm seus moradores escolhidos entre os próprios. Tudo o que acontece dentro de um xadrez, o xadrez do lado não precisa saber. A higiene é muito importante. Quando um cara está se alimentando, não se pode assoar o nariz, ou ir ao banheiro a não ser que você peça licença e seja concordado. Se tiver algum cara que não mantenha suas coisas limpas e arrumadas, será convidado a sair do xadrez e vai morar em um corredor. Para usar o banheiro, tem que pedir licença em algum outro xadrez. Não assiste mais a tv e não participa de muita coisa dentro do xadrez.

Muitas noites de jogos de cartas, valendo drogas, carros, casas, terrenos e armas. Uns que têm menos condições, montam suas bancas valendo apenas cigarros, pouco dinheiro e pequenas quantias em drogas. Eu nunca me envolvi com os jogos. Meu ramo era outro: vender drogas por telefone.

Um dia sagrado é domingo, dia de visitas. No sábado, muitos estão combinando com suas esposas e arrumando tudo para o domingo. É uma noite muito agitada, todos na expectativa de ver sua família no domingo, logo cedo. Também é um dia tenso. Muitas mulheres ao serem revistadas para entrar, são identificadas com alguma contravenção e acabam presas. Ou a roupa não é adequada, isso causa um tumulto e muita tensão por parte daquele que estava esperando sua visita, que não conseguiu entrar.

Quando entra uma mulher na cadeia, todos os presos abaixam a cabeça. Não se pode olhar para visitas que não seja a sua. Eu recebia minha visita e logo ia para o “X” e ficava lá dentro até às cinco da tarde. Só saía no xadrez na hora do almoço, para

aqueles que não tem visitas, entrarem almoçar. Eles ficam fumando, conversando, fazendo artesanato ou falando no telefone em algum canto ou no pátio, para não ficarem próximos as visitas, para evitar problemas.

São horas sagradas, o único dia que você pode abraçar e passar o dia com alguém da sua família. O pior momento e o qual você nunca vai se acostumar é o fim da visita. Quando acabava, eu já ia ver como estavam os negócios do domingo: droga que chegou, que foi vendida e dinheiro que era pra receber depois.

Minha companheira era quem me visitava. Quando eu a conheci, ela não sabia o que era o tráfico. Nos conhecemos na noite e ficando várias vezes comigo, começou a perceber a minha vida. Eu falei o que eu fazia e ela não concordava, tinha medo, mas logo se acostumou. O dinheiro é o que te faz aceitar.

Logo que eu acertava tudo depois da visita, ligava para ela, à noite. Eu nunca envolvi ninguém da minha família no que eu fazia, nem mesmo minha companheira. Conhecia bem a realidade das mulheres que ficavam, nas funções do marido e eu não queria aquilo para ela. Também, porque meu negócio era mais complexo, ela não daria conta de tudo.

Dias de “tomar sol” no pátio e as lembranças de casa castigavam meu coração. Eu ficava andando no pátio de sol, lembrando de tudo como aconteceu no dia da minha prisão. As lembranças são um carrasco lá dentro: dias de revolta, dias de reflexões, dias de tristeza e muita solidão.

Eu via muitos caras que eram de outros estados e outras cidades, e que lá dentro, não tinham condições de ter um telefone. Não conseguiam saber de suas famílias, filhos e também não tinham nada, nem um colchão. Alguns eram convidados a fazer alguma coisa em troca de uma ligação ou drogas. Eles faziam serviços, lavavam roupas, escondiam drogas e até cozinhavam no xadrez. Assim, conseguiam falar uns 10 minutos por dia, ou,

às vezes, apenas uma vez por semana com seus familiares.

Eu tentava ajudar muitos deles e ajudava. Era sempre levado pelo lado da saudade. Imaginava o que eles estavam sentindo, sem contato com seus parentes. Eu mesmo, ligando todos os dias para casa, já me sentia muito sozinho. Tinha pena dos “forasteiros”, como eram chamados os que eram de outros lugares.

Discussões, brigas e tretas sempre tinham. Comecei a ser o que tentava resolver, apaziguar e não demorou muito para que eu ficasse como “piloto” da galeria. Tudo o que acontecia, eu tentava resolver da melhor forma para que não tivessem brigas e nem mortes. Na verdade, eu priorizava meus negócios lá dentro e meu telefone. Qualquer problema dentro da cadeia, a polícia iria entrar e tirar todos pro pátio, revistar todos os “X” e aí é que vinha o prejuízo. Nessas ações, perdia-se muita droga e celulares, que eram a fonte de lucro para muitos lá dentro.

Dias de geral no presídio, um dia muito tenso. Todos os presos são retirados das celas, apenas de cuecas com a mão na cabeça e ficam sentados no chão do pátio, até que os agentes e policiais revistem tudo. Eles são experientes, acabam encontrando os melhores esconderijos, ou como nós chamávamos de “mocós”, onde eram escondidos os telefones. Aqueles que fossem mais criativos, sempre conseguiam passar pela geral.

Algumas gerais, eram mais “aceleradas”. Davam tiros, bombas e com cachorros, tiravam nós das celas correndo pro pátio. Quando eram encontrados objetos que eram proibidos, logo era perguntado quem era o dono e é nessas horas que aqueles que foram pagos, levantam a mão e dizem “É meu, senhor.” São levados para um castigo. Às vezes, ficam dez dias em uma cela isolada sem nada. Não tem colchão, televisão, nem coisas para comer que vem da família. Comem a comida do presídio, ficam sem contato com os que ficaram dentro da cadeia e sem visitas também.

Problemas sérios começam a acontecer quando um desses caras que receberam para segurar o “B.O” não segura e todos pagam pelo que foi encontrado. Depois que acaba a geral, é hora de cobrar o maluco. São espancados e vão pro seguro. Às vezes, a dependência por drogas faz isso. Os caras assumem a responsabilidade, pegam a droga adiantada, usam e no dia de segurar o B.O, não tem coragem e sabem que depois, será bem pior. Mas o medo de assumir na hora, não deixa o cara raciocinar, depois sofrerá as consequências que serão sempre duras.

Um caso diferente aconteceu. Um cara que era muito prestativo, fazia tempo que estava lá, havia ido pro castigo várias vezes, por assumir as coisas para outros caras. Fazia faxinas em todos os xadrez, lavava as roupas e até era bom cozinheiro. Um dia, foi entregue para ele uma quantia de cocaína, para que ele escondesse. Se a polícia achasse, ele diria que era dele. Como pagamento, foi dado uma certa quantidade para ele cheirar. No outro dia de manhã, um alvoroço. Ouvi me chamarem e era problema com esse cara. Ele havia cheirado o que foi dado pra ele como pagamento, mas não soube se segurar e cheirou tudo. Já mais conseguiria pagar a droga e fomos todos pro pátio resolver como seria cobrado, por ser um cara que muitos gostavam. Foi a primeira vez que tinha dado esse vacilo. Foi decidido quebrar um braço dele e ele ficaria ainda sem ir pro seguro. No seguro, os caras sabem que perdem a dignidade no crime e que lá não terão mais as “regalias” que tinham dentro das galerias. Foi levado para dentro de uma cela, chamado o dono da droga que estava no prejuízo, mandado que cobrasse e quebrasse o braço do cara. Todo mundo ali olhando, colocaram o braço dele na grade e o maluco que ia cobrar subiu na cama e pulou com os dois pés em cima do braço. Já era, está cobrado. Os gritos do cara chamaram a atenção dos guardas, pois era uma fratura exposta. Tiraram ele da cadeia, levaram pro pronto socorro. Foi dito que ele caiu da cama de cima e quebrou o braço. À noite, ele voltou com o bra-

ço engessado e depois disso nunca mais vacilou.

A cadeia é um lugar cheio de maldade, todos querem ir embora e ninguém vai a hora que quer. Quando chega sua condenação, abala seu psicológico e você sabe que vai ficar 5, 6 ou 10 anos, ou até mais. Isso te dá um desespero e é aí que você começa a ser rígido com as regras lá dentro, pois é lá que você vai morar.

Domingo de visita das crianças é um dia super especial, uma vez por mês elas podem entrar. Vi minha filhinha pessoalmente, pela primeira vez, dentro da cadeia. Era bem pequenininha, recém nascida. Nunca mais esqueci desse dia. Uma mistura de sentimentos: raiva, tristeza e muita alegria por ver minha primeira filha. Eu pedia para outros presos fazer artesanatos, bonecas de pano, para que minha companheira levasse pra minha filhinha. Eu passava horas, depois da visita, olhando as fotos que eu tirava com ela dentro da cela com meu telefone. Depois tinha que apagar, pois se fosse encontrado este telefone, não teria fotos minhas. Eu ficava imaginando como ela seria quando crescesse e o que eu iria falar para ela, sobre minha vida.

Eu sabia que ia ficar uns anos e isso me deixava preocupado. Histórias lá dentro me deixavam tristes. Tinha uns caras que vinham me falar que seus filhos entraram na cadeia pra vê-los, bem pequenos ainda, agora já estavam grandes e ainda visitavam-no naquele lugar.

Fuga era o que eu pensava, seria a solução pra ver minha família lá fora. Foram feitas várias, mas não deu certo. Na última, eu sabia que estava sendo feito um buraco em uma outra galeria. Fui convidado a ir pra lá pra ir embora com os caras, mas pra isso eu tinha que mudar de galeria. Não consegui, o diretor do presídio não quis me mandar para lá. Tudo estava pronto. A saída seria depois da visita, domingo à noite. Chegou a hora de ir, mas deu tudo errado: um guarda percebeu a movimentação

estranha, depois da visita e resolveu entrar com uns policiais na galeria, onde estava aberto o buraco. Já havia presos dentro do buraco e a polícia evitou a fuga. Foi cercado o presídio e uma noite de terror para nós. Geral na cadeia inteira para ver se não tinha outros buracos. Perdemos as drogas e celulares.

Todo dia você pensa em ir embora, mas é um sonho. Todos sonham com a liberdade, seja “forçada” ou conquistada. Eu conversava com o advogado toda semana, tentando achar uma brecha para ir embora. Existiam uns presos que trabalhavam para fora das carceragens: “presos de confiança”. Eles eram mal vistos pela população carcerária, em todos os presídios e penitenciárias. Eu conhecia uns que estavam lá fora trabalhando. Tinham uma vida um pouco diferente: era mais espaço, ar livre, visitas em lugares diferentes, roupa diferente e o tratamento com eles era outro, tanto da parte dos funcionários do presídio, quanto dos presos. Nós, olhávamos eles como “pilantras”, que trabalhavam com a polícia e os carcereiros tratavam eles com educação, pois eles trabalhavam e se comportavam bem.

Havia dois anos que eu estava lá e meu advogado me fez uma proposta de sair trabalhar fora das celas, igual aos caras de confiança. Eu nunca ia aceitar, pois eu tinha uma “imagem” no crime. Não podia manchá-la, trabalhando em uma cadeia, então não aceitei.

Mais um plano de fuga, tentei junto com outros traficantes. Planejamos pagar uma consulta médica particular e assim que fôssemos escoltados, os policiais seriam presos e nos levariam.

Foram mais de trinta dias de correria com um advogado e infelizmente a minha consulta foi negada. Dias depois, foi liberada a saída de um dos caras para a consulta. Ele foi resgatado e deu tudo certo. Já era noite, quando a polícia entrou no presídio. Tirou todos das celas, chamou alguns nomes. Um dos nomes foi o do irmão do cara que foi resgatado. Levaram-o para o castigo.

O terceiro nome chamado foi o meu, não fui para o castigo e fui transferido para a penitenciária.

Durante meu tempo no presídio, eu ouvia falar de uma penitenciária que era chamada de “nova”. Todos os caras falavam “cara lá na nova é veneno”, não tem nada, sem telefone, sem droga, sem tv, sem sacolas com alimentos “da rua”. Sempre que eu conversava com uns caras que já tinham passado por lá, todos falavam “lá é foda”. Meus planos foram mudados: o advogado tinha me dito que eu ia embora dali mesmo do presídio. Ele disse que eu não iria para a penitenciária.

Já havia sido pedido uma prisão domiciliar e o doutor já tinha me dito que talvez o juiz aceitasse. Agora não tinha o que fazer. Não deu tempo de fazer nenhuma ligação pra casa. Apenas fiz uma lista de onde e de quem receber. Pedi que vendessem meus dois telefones lá dentro do presídio. Deixei a lista e a responsabilidade dos telefones para um cara que era de muita confiança minha. Só isso que deu tempo. Vieram os agentes e me algemaram. Fui levado a um camburão da penitenciária. Fecharam as portas e estava tudo escuro. Fomos, de novo. Parecia que eu estava sendo preso naquele dia. Já estava acostumado em falar com a minha família todo dia e já estava bem estruturado com os negócios.

Outro pesadelo por tudo que tinham me falado: o lugar era horrível, como diziam os caras mais antigos da cadeia “lá na nova é fim de carreira”. Eu nunca pensei que iria ficar triste por sair do presídio. Todo mundo queria sair daquele lugar, mas nesse dia eu queria ficar. Existem sentimentos que eu conheci lá dentro: o que é solidão, exatamente o que é, eu fui conhecer nas madrugadas no presídio. Onde você está em silêncio, sozinho no escuro e não adianta nada. O desespero passa, vem uma sensação de estar conformado e de repente, você se liga, realmente, não tem saída. Está sozinho em um mundo sombrio.

Nas madrugadas, todos em silêncio. Uns dormindo, outros sofrendo em suas mentes, mas nessas horas ninguém está interagindo. Então é a hora que você se encontra com você mesmo. Você reencontra aquele menino que deu trabalho para nascer, aquele que os pais sonharam que tivesse uma profissão linda e você se depara com a realidade que você escolheu.

Eu tive muitos momentos em que me reencontrei. Lembraças da minha vida, com a simplicidade da minha família, mas logo o dia amanhecia e eu esquecia aquele menino que a família amava e tinha que voltar à realidade. Estou no mundo do crime, na cadeia, não tem volta, tenho que ser o que eu represento.

Dentro do camburão em direção à penitenciária, eu lembrava da minha companheira, com a minha filha nos braços, despedindo-se no domingo de visitas. Lembrava das conversas com meu pai, minha mãe e agora eu estou indo para o “inferno”, como muitos tinham me dito.

O camburão parou, abriu as portas e eu estava em frente a um portão alto. Uma rua com postes altos e tudo bem iluminado. Vários agentes me esperavam descer do “bonde”. Assim é chamado o transporte ou escolta para lugares onde tem que levar presos. Então, estavam aguardando eu descer do bonde. Desci e já percebi a total diferença dos procedimentos do presídio. A primeira coisa que ouvi, antes mesmo de colocar os dois pés pra fora foi: “Cabeça baixa e olhando pro chão”. Depois, me disseram: “É, sim senhor e não senhor”. Conduziram-me a um salão, fui desalgemado e tirei toda a roupa que eu mesmo coloquei em um saco plástico. Com as mãos na cabeça, fiz vários agachamentos, fui revistado. Deram-me um uniforme e um chinelo, materiais de higiene eram: papel higiênico, uma escova de dentes, creme dental e um sabonete. Tudo o que era meu tinha um número: o número do meu kit e eu não deveria perder nada.

Entrei em uma outra sala, já com o uniforme e chinelo. Eu segurava uma fronha que estavam meus materiais de higiene dentro, sentei em uma cadeira e logo entrou um preso com a cabeça baixa e com as mãos pra trás. Não disse uma palavra. Vários agentes olhavam todos os movimentos. O cara chegou, foi entregue para ele uma máquina de cortar cabelo e ele raspou minha cabeça. Fiquei careca igual ele.

Depois, fui para uma outra sala, tirei a roupa novamente. Foi feita uma ficha e perguntaram-me tudo. Tiraram fotos do meu rosto de frente e de lado. Com as mãos para trás e cabeça baixa, fui conduzido à cela 211. Mesmo com a cabeça baixa, pude olhar o lugar onde eu estava entrando. Uma galeria enorme, limpa, bem iluminada e espaçosa, com portas de ferro, (não grades), portas de chapa com uma pequena parte em policarbonato, para poder olhar para fora da cela.

Eram dois andares. Enquanto eu andava com os agentes me acompanhando, eu ouvia o burburinho das conversas dentro das celas. Provavelmente falando sobre minha chegada, pois, muitos que estavam ali, estiveram comigo no presídio, mas eu ainda não tinha visto ninguém.

Paramos em frente a uma cela, na porta número 211. Um dos agentes pediu pelo rádio que abrissem a cela e ela se abriu sozinha. Quando eu entrei, me disseram para fechar e eu mesmo fechei. No presídio, existia uma regra que ladrão ou bandido nenhum podia fechar a grade da cela, nem por brincadeira, porque estaria fazendo “papel de polícia” fechar o ladrão.

Agora até isso era diferente. Eu mesmo tinha que me trancar na cela. Só para abrir que era automático. Um lugar escuro com quatro camas de concreto, uma pia e um vaso sanitário. Tudo de metal inox, um colchão e dois cobertores.

Logo que os agentes saíram, começou um monte de gritos pelo meu apelido. Os caras gritavam: “Salve Magnata”. Fui até

a porta da cela, olhei por aquele quadradinho de policarbonato, que depois aprendi que todo mundo chamava de acrílico, olhei pelo acrílico e vi vários rostos sorrindo e fazendo gestos para mim. Para se comunicar, era como se estivessem escrevendo coisas como se fossem mudos, porque era muito parecido com libras, mas era uma linguagem diferente que logo tive que aprender.

Uma coisa impressionante: escrever tudo com sinais, usando as mãos e os dedos. Conversar assim durante horas, o dia inteiro às vezes. Mas, até eu aprender, tive que gritar de dentro da minha cela e assim fomos nos identificando.

Muitos me conheciam e eu também conhecia muitos. Nos fundos da cela havia dois acrílicos no concreto da parede, que dava pra olhar para fora. Uma cadeia diferente. Ali eu podia olhar o céu, as estrelas e até o horizonte, pois a cela era no segundo andar. Dava para olhar longe. Durante o dia, eu via uma plantação muito grande.

Fiquei ali olhando o céu a madrugada inteira. Fiz uma oração, chorei, pensei em parar, senti saudades, raiva, revolta, ódio e um desespero, que eu já estava acostumado a sentir e que logo seria esquecido, pois eu teria que conviver ali com o que eu era, ou com o que eu me tornei. Não dormi um minuto sequer. Vi o dia amanhecer e logo começou aquele burburinho nas celas. Percebi que todos os caras estavam acordando e não demorou muito. Ouvi um barulho e muitos agentes entraram na galeria. Um deles ia passando de cela em cela e fazendo uma contagem. Todos têm que estar fora da cama e pronto para tomar café.

Chegaram na minha cela, abriram o que nós chamávamos de portinhola, (uma pequena repartição no meio da porta que era aberta por fora) e ali passava o café: que era um pão salgado e um pão doce. Coloquei minha caneca e um preso que era considerado preso de “confiança”, trabalhava na hora de servir o

café e as marmitas no almoço e no jantar. Nem consegui comer, apenas tomei o café, fiquei observando e vi que eram eles que decidiam até a hora de comer.

Acabei dormindo, pois tinha passado a noite acordado. Dormi o dia todo e acordei só na hora da marmita, que repetia tudo de novo. Olhavam para dentro da cela, abriam a portinhola, o preso entregava a marmita e tudo observado por vários agentes. Depois, eles passavam recolhendo as marmitas vazias. Eu vi que naquele lugar, eu não tinha nada. Nem a roupa que eu vestia era minha. A única coisa que eu tinha era a minha pena para cumprir e minha vida.

No outro dia de manhã, tiraram-me da cela algemado e só de cueca fui para uma pequena cela bem estreita. Era ali que se tomava banho, como a gente chamava: “a ducha”. A grade da ducha travava sozinha com um imã e eu fiquei preso ali dentro. Vários agentes entraram no xadrez e deram uma geral. Eu não tinha nada lá dentro. Era impossível ter um telefone, uma faca, ou drogas, mas mesmo assim, revistaram tudo.

Quando fui voltar para o cubículo, ou cela, percebi que tinham três presos na frente da cela, com as mãos para trás e com as cabeças baixas. Vários agentes em volta, recolheram todos comigo, agora estávamos em quatro na cela. Outro traficante como eu e dois assaltantes. Um deles já era a terceira vez que passava pela penitenciária. Foram trinta dias nessa cela, depois me mudaram. Fui para a cela 110.

Lá estavam três caras condenados por homicídio. Um deles me conhecia, eu não o conhecia. Nesse cubículo, fiquei morando um ano. Depois dos primeiros trinta dias, eu pude sair no pátio para tomar sol. Ali comecei a encontrar “velhos conhecidos”, que até já havia esquecido, pois eles tinham sumido das ruas. Agora eu os encontrei, já que estavam lá, fazia anos.

Conversávamos sobre fugas ou como pegar um agente pra fazer de refém e iniciar uma negociação, uma rebelião, mas as notícias ali eram desanimadoras. Nunca tinha tido uma rebelião ou fuga e já tinham tentado várias vezes, mas sem sucesso. Isso me desanimou. Eu via ali caras inteligentes, caras que eu já conhecia e já estavam ali há anos, sem ação nenhuma e logo eu seria mais um.

Totalmente isolado, sem telefone, sem drogas e sem contato com o mundo. Apenas nos dias de visita, eu recebia visita da minha companheira, que estava firme, forte, acompanhando meus pais que não entraram no presídio, pois eu não queria que fossem. Agora iriam me ver na penitenciária, já haviam passado quase três anos. Foi muito bom abraçar meu pai, que foi o primeiro que entrou me ver. Depois de uns dias, vi minha mãe. Nunca esqueci os abraços deles, daqueles dias de visitas.

Bem diferente do presídio que as visitas eram dentro das celas. A visita entrava oito horas da manhã e saía às cinco horas da tarde, bem rígida. Um dia antes da visita, todos os que teriam visita eram chamados, raspavam a cabeça e faziam a barba para ter visita.

No dia da visita, eram duas horas em um pátio com mesas e bancos de concreto e uma cobertura. Para chegarmos a esse pátio, eram algemados todos os presos. Íamos de dois em dois, algemados, formando uma fila escoltada por agentes até o pátio. Entrávamos no pátio, ainda algemados. Meus pais me viam ser desalgemado. No começo, minha mãe até chorava. Depois, entendeu com o passar do tempo.

Lembro de um dia de visita das crianças, minha filha já estava grandinha e me viu chegando algemado no pátio. Ela correu e ficou olhando bem de perto, em minhas mãos algemadas. Quando eu voltava pra cela, depois da visita, ficava horas lembrando das conversas, das brincadeiras com a minha filha e

isso me deixava revoltado. Eu pensava como pode um cara com a minha idade ser reeducado por estranhos, pela justiça? Não posso ir para casa, não posso ficar com minha filha. São apenas duas horas e meia por mês que eu sou pai. E também nas visitas íntimas, eu me sentia estranho, pois era apenas uma hora com ela em um quarto, uma vez por mês.

Um marido que só tem relações sexuais uma vez por mês, durante uma hora, mas que está todo dia com a sua mulher é diferente. Eu só via a minha companheira duas vezes por mês e uma dessas vezes era visita íntima. Fica estranho, não dá tempo nem de conversar, é tudo muito rápido, o tempo é curto. Várias mulheres abandonam os maridos nas cadeias, mas dá para compreender, pois não é fácil para elas também.

Algumas esposas entram no dia de visita com um sorriso no rosto, não querem deixar seus companheiros nervosos e preocupados. Elas querem vê-los sorrir, dizem que lá fora está tudo bem, quando na verdade não está. Problemas financeiros são a maioria, mas querem transmitir tranquilidade no dia de visita e acabam escondendo os problemas.

Dias de escrever cartas. Uma carta por mês. Os agentes distribuíam uma folha, uma caneta e eu escrevia a carta do mês. Às vezes para minha mãe, às vezes para minha companheira, para minhas irmãs e para minha filha.

Em todas as cartas, iam a promessa “eu vou mudar, eu vou parar”. Também recebia muitas cartas e fotos diferentes do presídio, que eu tinha muitas fotos no xadrez. Na penitenciária, eu passava o dia olhando as fotos e cartas, à tarde eram recolhidas pelos agentes.

É um lugar para refletir. Eu comecei a perceber coisas que só se percebe quando está preso, valorizar coisas simples que só dão valor quando se perde. Quando iniciava uma nova semana, as conversas no pátio de sol na segunda-feira, sempre eram re-

lembrados os momentos no fim de semana de visita. Muitos não tinham visitas. Então, a vida seguia só eles e a pena a cumprir. No meio da semana, as conversas já voltavam ao normal: “planos de fuga”, planos de assaltos quando saíssem, ou de voltar a traficar dentro da cela. À noite, as lembranças torturam a mente, é uma indecisão: vou pensar em parar, mas, logo depois, está planejando um crime.

Muitos começam ler a bíblia, que tem uma em cada cela. Muitos fazem cultos, deitam no chão e por baixo da porta, gritam e cantam louvores. Assim, conseguem interagir com as outras celas, geralmente a “palavra” é um refúgio. Conheci alguns companheiros que faziam os cultos e que fizeram até louvores lá dentro. De vez em quando, aparecia uns pastores que entravam nas galerias para pregar a palavra. As celas estavam todas fechadas e todos nós apenas ouvíamos.

Meu plano era tentar uma fuga, uma rebelião ou uma transferência para outra penitenciária, onde eu teria um telefone, drogas para vender e voltar a interagir com o crime. Com muitas coisas que eu tinha deixado em andamento.

Nove meses que eu estava lá e uma grande surpresa: o advogado conseguiu um pedido ao juiz, que eu fosse pra um regime semiaberto. No dia 28 de dezembro, eu fui transferido ao novo destino: um alojamento. Muitos presos que estavam ali, estavam trabalhando e a cada dois meses saíam para ir para casa e ficar durante sete dias.

Eu nem acreditava naquilo, estava a um passo da rua. Chegou minha vez. Dois meses depois de ter chegado, eu teria direito a ir para casa e ficar sete dias. Depois voltar para a cadeia, com minhas próprias pernas.

Nesses meses que fiquei lá, eu vi que todos os presos trabalhavam. Era uma forma de sair para rua, pois alguns setores de trabalho, eram empresas que contratavam mão de obra de presos.

Eu saí para ir pra casa. Uma sensação estranha. Todos me esperando na frente da penitenciária: meus pais, minha companheira e minha filha. Entrar no carro foi uma alegria, em direção a minha casa. Ufa, até que enfim em casa! Todo mundo indo me visitar: parentes, amigos, vizinhos, queriam saber como era lá dentro, como eu estava e se ia voltar mesmo, depois dos sete dias.

Essa era a preocupação dos meus pais e com certeza eu não queria voltar. Se eu voltasse, ficaria mais dois meses preso e sairia de volta por mais sete dias em casa. Assim, até o juiz me mandar pra casa definitivamente.

Foi a maior alegria durante o dia e à noite. Meus pais, minhas irmãs, todos felizes. Minha casa estava estranha, me sentia um estranho, dentro da minha própria casa. Tomei um banho bem demorado, em meu banheiro limpo, chuveiro quente, shampoo e tudo mais. Até isso, você dá valor depois que sai.

No segundo dia em casa, fiz uma ligação e pronto! Estava com 1 kg de crack e um revólver 38. Meu pai havia me dado

uma quantia em dinheiro, pra eu ficar os sete dias com a minha filha e minha companheira. Na verdade, com medo que eu fosse me envolver em coisas erradas, de novo por causa de dinheiro.

Mas, infelizmente, o “crime” ainda “corria” nas minhas veias. Coloquei um pessoal para vender o crack e passei os sete dias. Eu nunca tinha ficado com minha filha em casa. Foi maravilhoso! Eu não sabia como ser pai, só a via na cadeia desde que ela nasceu. Agora, eu estava em casa e não sabia muito o que fazer. Minha companheira, a mãe da minha filha, me ajudava a entender o que eu deveria fazer. Assim, eu fui percebendo que era ótimo, que minha filha entendia que eu era o pai dela. Ela estava com três anos e nunca teve o pai em casa. Eu apenas convivía com criminosos e não sabia como ser pai ainda.

Saíamos passear pela rua à noite de mãos dadas, jantávamos na casa dos meus pais... estava tudo maravilhoso, mas todos preocupados comigo, se eu iria voltar ou não, se não voltasse seria considerado foragido. Todas as noites eu pensava em não voltar, mas minha vida estava diferente, antes eu não tinha uma filha. Chegou o dia, logo de manhã, meu pai tomou café comigo e me perguntou se eu voltaria ou não. Eu, como sempre respondia, disse que iria voltar, às quatro horas da tarde daquela quarta feira. Eu precisava me apresentar na penitenciária depois de três anos preso. Eu tinha que voltar com minhas próprias pernas.

Exatamente no horário, o carro parou em frente ao portão e meu abraço foi com vontade de ficar, mas me despedi da minha família e entrei na penitenciária. De volta ao alojamento, bateu uma angústia, um desespero. Queria fugir à noite, muitos ainda não tinham chegado e já estavam foragidos, esses não voltaram. Agora, tudo de novo, as lembranças me torturavam. Uma semana em casa, no conforto de casa, com meus pais, minha companheira e minha filha. Agora, de novo, preso e ainda, voltei sozinho para a cadeia.

Como foram importantes aqueles dias: tomar café em uma mesa, sentir o cheiro do tempero na hora do almoço, deitar no sofá da sala com minha família, assistir a um desenho, conversar sobre todo tempo perdido com minha companheira, ficar junto, relembrar os dias de visita no presídio, colocar a roupa que você gosta, jantar na casa da sua mãe, abraçar suas irmãs, tudo isso agora era só lembrança de novo.

Faziam exatamente cinco dias que eu tinha voltado, fui chamado pelo chefe de segurança. Para minha surpresa, ele disse que eu iria trabalhar em uma construtora e que todo dia eu iria para “rua”, ou seja, sair da cadeia para trabalhar e à noite, voltava dormir lá.

Eu não estava nem acreditando que era verdade, eu queria sair pra rua, trabalhar não. Então, chegou o dia. Às 06 horas da manhã, saí com mais 29 caras. Fomos divididos em duas vans. Tínhamos regras, não podia sair da empresa, não podia usar telefone, usar drogas, também não era permitido bebidas.

O primeiro dia de trabalho foi estranho. Era uma construtora, tinha vários funcionários da empresa. Todos sabiam que nós éramos presos e que não podíamos fazer um monte de coisas. Uma certa liberdade, o dia inteiro fora da cadeia, trabalhando e a noite estaria lá de novo, mas seria só pra dormir.

Terceiro dia de trabalho, encontrei um cara que trabalhava com pinturas na empresa. Era um cliente de muitos anos, cheirava muito pó. Quando ele me viu, a primeira coisa que queria saber era se eu estava traficando. Expliquei minha situação e pedi para ele um telefone. No dia seguinte, eu estava com um telefone. Comecei a entrar em contato novamente com o pessoal que eu fazia negócios. Todo dia falava com minha família e logo tinha uns caras vendendo drogas de novo.

Dois meses de trabalho e todo dia eu voltava para a cadeia dormir. Chegou o dia de ir para casa, ficar mais sete dias. Uma

semana em casa, mas agora as coisas estavam em outro ritmo. Eu já estava traficando novamente, já saí, tinha dinheiro pra receber nas bocas, mas também tinha que manter todas as drogas e ainda manter o sigilo das minhas práticas.

O cheiro da roupa limpa, o cheiro de casa de novo era muito diferente da cadeia. Jantar com todos na mesa, dormir e acordar em sua própria casa, ao lado da minha filha. Durante os sete dias, eu vendi drogas e cada vez mais, eu aumentava os pontos de venda. Eu estava de volta e era satisfatório. Ver tudo de volta funcionando. Comprei uma moto, que era roubada e deixei escondida por dois dias. Finalmente, chegou o dia de voltar para a cadeia e voltaria para o trabalho na construtora. Meus pais já perceberam que algo estava errado.

Estou decidido, não vou voltar, minha companheira nem sabia o que dizer. Percebi que ficou nervosa, mas era uma mistura de nervosismo e alegria, pois na verdade, sentia-se muito sozinha sem mim. Já tinham sido muitos anos, vendo-me só na cadeia e agora estávamos juntos o dia todo.

Quarta-feira às quatro horas da tarde, eu deveria me apresentar de volta. Meus pais nem imaginavam, já estava tudo decidido, eu já havia alugado uma casa e já tinha acertado até um caminhão para levar umas coisas para a casa, onde seria meu esconderijo, pois seria foragido.

Tudo planejado, eu já estava bem próximo da casa onde eu ficaria, meu pai me ligou perguntando onde eu estava, e se eu iria voltar. Eu disse que ia e que estava tudo bem, eu menti.

Horas depois, falei com minha mãe. Ela estava desesperada, porque tinha visto uns caras carregando minhas coisas em um caminhão. Falei para minha mãe toda a verdade: eu estava fugitivo e tinha levado a minha filha comigo.

Saber que não iria mais voltar para a cadeia era uma falsa alegria. Talvez o leitor não saiba, mas existe um sentimento de

extrema satisfação no foragido, satisfação de fazer o que quisesse, ir onde quisesse, comer o que quisesse, pois durante anos, passa-se todos os dias sob regras e disciplinas. Agora torna-se “dono de seus gostos”, para fazer o que quisesse.

Uma certeza é que de tempo em tempo, vem na lembrança, que você será preso de novo. Muitos dizem que por ter fugido, vai ter que pagar tudo de novo e será preso novamente. Isso é logo esquecido pelas curtições e pela ânsia da liberdade.

Comecei a traficar com muita gente. Eu sabia que seria preso mais cedo ou mais tarde, então comecei a fazer negócios ousados e logo estava equipado: colete à prova de balas, pistola e revólver. Isso me dava uma sensação de poder. Nos primeiros dias, não consegui dormir. Todo barulho de carro eu levantava achando que era a polícia.

Um dia, saí de moto, durante o dia, perto de uma padaria. Eu ia comprar uns pães. De repente, do lado da moto, um carro da penitenciária. Eu olhei e era o chefe da segurança, que olhou levemente para o lado. Eu achei que ele tinha me visto, mas de capacete ficaria difícil me reconhecer. Ele seguiu logo que abriu o sinal e eu fui para casa aliviado.

Todos os dias o que me chamava atenção era a convivência com a minha filha. Eu amava tudo que ela fazia, comecei a me adaptar como pai, tomava café com ela e depois íamos brincar. Quando tinha que fazer compras, eu ficava em casa e minha companheira saía para o mercado. Eu passava o dia inteiro com ela e mesmo de dentro de casa, conseguia fazer todos os negócios. Ninguém sabia onde eu estava. Apenas um cara entrava na minha casa. Era o mesmo cara que ajudou na minha mudança e o que fazia todas as correrias que eu precisava.

Já fazia quase dois meses que eu estava foragido. Saí de carro com uns caras cobrar um dinheiro. Estávamos em três em um carro. Quando dobramos a esquina, demos de cara com uma

barreira da polícia e da guarda municipal. Para mim era o fim da liberdade, eu seria preso e ainda estávamos todos armados. Mas, para nossa surpresa, o policial só olhou e nos mandou passar, ufa! Essa foi por pouco, um susto.

Alguns dias depois, uma operação da polícia tinha por objetivo cumprir 60 mandados de prisão. Muitos estavam foragidos. Consultei um site da polícia e vi meu nome e minha foto como procurado. Naquela manhã, tinha muita viatura pelas ruas, ao redor do lugar onde eu estava. De repente, um barulho muito forte me deixou atento. Era o helicóptero da polícia, que passou sobrevoando a minha casa. Fiquei esperto, mas nada aconteceu. O dia todo estava preocupado, mas à noite fiquei aliviado, pois tinha certeza que eles não sabiam aonde eu estava, se não teriam cumprido a minha prisão.

Eu estava acostumado com a vida em casa, já nem lembrava mais dos dias que sofri na cadeia com a solidão e a vontade de ir embora. Meu pai me ligou, disse-me que a polícia tinha ido lá em casa me procurar. Ele disse que não sabia onde eu estava e isso me deixava sossegado, pois tinha certeza que ali onde eu estava, eles não sabiam onde ficava.

Não sei até que ponto o leitor acredita em sonhos, mas uma curiosidade: minha mãe me ligou bem cedo e disse que teve um sonho. Dois carros pretos estavam me levando e era a polícia. Ela queria saber onde eu estava. Eu não dava o endereço, mas conversava com ela e com meu pai e os acalmava.

Aos poucos, fui gostando da vida em “liberdade”, mas tinha certeza que seria preso novamente. Quando eu sonhava que estava preso, acordava assustado e, às vezes, suando nesses momentos, eu lembrava bem como era aquele sofrimento. Iniciava o dia e eu já esquecia.

Comecei a juntar dinheiro e meu plano era comprar uma casa, fora da cidade. O tráfico me envolvia: muitas negociações

e sonhos, planos, minha filha crescendo. Eu evitava que ela visse armas comigo. Drogas eu não tinha em casa. Às vezes, passava alguma coisa pela minha mão, mas logo ia para o destino. Nunca envolvi ninguém da minha família em qualquer coisa errada, todos sempre honestos.

Outra curiosidade: acordei e fui tomar café com minha filha. Ela me olhou e perguntou: “Pai, a polícia está aí?” Aquilo me deu um arrepio, ela não tinha nem quatro anos, como foi perguntar isso? Eu disse que não estava, mas no mesmo instante, levantei e fui olhar pela janela... não tinha nada.

Uma ligação do presídio. Um conhecido me ligou e pediu que enviasse uma droga para a esposa dele vender. Liguei pra quem entregava pra mim e mandei levar. Horas depois, estava com minha filha no quarto. O cara me ligou de novo e disse que não chegou nada lá. Tentei falar com o entregador que não me atendia. Liguei pro cara que entregou para o entregador e ele me respondeu que também não conseguia falar com o maluco.

No outro dia de manhã, deu a notícia: o piá estava preso. Foi pego indo levar a droga. No mesmo dia, troquei de número e de aparelho celular. Uns vinte dias depois, pedi para um cara ir até um sobrado, onde ficavam umas drogas e pegar de lá uma quantidade de crack. Ele foi e acabou preso.

Quando me avisaram, eu liguei para um cara que era meu “braço direito” e ele não atendia. Liguei várias vezes. Resolvi ligar para outros caras que moravam perto da casa dele e a notícia foi: “Ele acabou de ser preso”. Neste momento, entrei no quarto e falei pra minha companheira que eu ia sair da casa, porque todos estavam sendo presos e se nada acontecesse, depois eu voltava para casa.

Troquei de roupa, peguei um revólver, umas munições e saí em direção à porta da frente. Antes de abrir, olhei pela janela e dei de cara com três caras bem na porta. Quando me viram, gri-

taram: “Polícia, perdeu Magnata!” Eu saí correndo em direção aos fundos da casa e consegui escapar. Entrei por dentro da casa do vizinho dos fundos. Foi o maior susto. Eu com o revólver na mão, todos gritando e eu saí pela porta da frente.

Quando saí na rua, vi um carro vindo. Pulei na frente do carro e tentei roubar. Eu queria fugir com o carro, mas era polícia em um carro preto. Todas as portas do carro abriram e pegaram-me antes de deitar no chão. Eu joguei o revólver por cima de uma casa, e pronto!

Tudo de novo, algemado dentro do porta malas, fui levado para minha casa. Quando cheguei, já vi tudo bagunçado. Os policiais haviam revirado tudo e minha filha brincava inocentemente no meio da sala. Ajoelhei-me na frente dela e dei um beijo, não aguentei e chorei. As lágrimas rolavam no meu rosto, pois eu sabia que não ia vê-la tão cedo. A polícia não encontrou nada na casa e eu fui levado. Não deu tempo nem de me despedir da minha companheira. Em direção à delegacia, eu estava no banco de trás de um carro preto, dois policiais, um de cada lado comigo e na frente uma caminhonete preta. Lembrei do sonho da minha mãe, mas era tarde demais. Eu não sentia nada nesse momento, a não ser uma tristeza imensa.

Entreí na delegacia e já encontrei uma parte do pessoal que trabalhava para mim, inclusive aqueles que não estavam atendendo minhas ligações. O delegado pediu para me interrogar. Fui para a sala dele e tinha um repórter com uma câmera, que me filmou e perguntou se toda a droga era minha. Percebi que, em cima de uma mesa grande, havia drogas e uma arma. Foram apreendidas com o pessoal que estava lá. Não respondi nada, só falei que a droga não estava comigo. Fui preso sem nada, nem a arma que eu tinha jogado no momento da prisão, não apareceu. O delegado pediu que me levassem para o presídio imediatamente. Tudo de novo, ...na cadeia.

Cheguei no presídio, fui para uma cela isolada das outras galerias. A cela onde cheguei e que ficaria por 30 dias. Era um tempo de triagem, depois iria para dentro da cadeia.

No primeiro dia, comecei a receber recados do pessoal que me conhecia. Esses recados chegavam por um buraco na parede, que era da espessura de uma caneta. Por ali, passavam bilhetes que nós chamamos de “pipo” e os buracos por onde vinham os “pipos” eram chamados de “21”. Então, todo dia era aberto os “21” e depois fechado. Fazíamos uma massa com sabão, papel higiênico e tapamos os 21 para a polícia não achar, pois era proibido.

Mandeí um pipo para dentro da cadeia pedindo que deixassem um celular comprado para mim. Quando eu entrasse, já teria um. Com dez dias na triagem, tive uma ideia: tentar uma fuga. Mandeí um recado para uns caras dentro da cadeia, que ligassem lá na rua e avisasse uns caras do meu plano. Eu iria para o médico e eles iriam me resgatar. Eu tinha uns coletes à prova de bala, uma moto, uma pistola que tinha ficado escondida, quando fui preso. Mandeí pegar também.

Comecei a fingir que estava passando mal e fui levado para a enfermaria do presídio. Ao sair da cela, em direção a enfermaria, fui prestando atenção na distância do muro até a cela, pois talvez tentasse cavar um túnel para escapar ou como nós chamávamos na cadeia, um “tatu”. Também analisei quantos agentes tinham naquele dia. Voltei para a cela e comecei a fazer outro plano. Eu iria tentar qualquer um dos dois.

Recebi um pipo de dentro da cadeia que os caras na rua tinham sido avisados e que estavam só aguardando meu sinal, dia e hora. Conversei com meu advogado, em uma visita que ele me fez pra falar do meu processo. Disse para ele que eu estava doente e teria que ser atendido em uma clínica particular. Era para ele falar com o diretor do presídio e com o juiz. Minha fa-

mília pagava uma consulta particular. Seria agendado em uma clínica e eu seria escoltado até lá. O problema é que disseram que não me avisariam o dia, nem a hora e que nem minha família saberia o dia e a hora.

Tudo seria combinado entre o presídio e a clínica. Então tive uma ideia: deixei avisado na cadeia que se eu saísse pra alguma escolta, esse seria o dia. Era só ver o dia que me chamassem e imediatamente, ligassem na rua e avisasse os caras. A única coisa que era possível saber era em qual clínica eu seria atendido.

Tudo combinado, em uma segunda-feira. Faziam 22 dias que eu estava lá. De manhã, um agente me chamou e disse “Você tem uma escolta daqui a pouco, fica pronto”. Na mesma hora, fiz um “pipo” e enviei pelo “21”, para que os caras fossem avisados. Eles já tinham ido na minha casa e perguntado qual clínica meu pai tinha pago para me atender.

Eu me arrumei, estava com um frio na barriga. Não demorou, uns cinco agentes chegaram, me algemaram e me tiraram da cela. Entrei em um camburão e duas viaturas da polícia estavam prontas para sair juntas fazendo a escolta e eu fui.

Dentro do camburão escuro, pés e mãos algemados, eu pedia para Deus me ajudar que tudo desse certo. Nesse momento, eu pensava na minha filha, que iria vê-la de novo.

O camburão parou. Um frio na espinha, eu estava tenso. Quando abriram as portas, tive um “choque”. Eu estava de volta na penitenciária, não pude acreditar. Um monte de agentes e policiais em frente a um grande portão, eu não conseguia pensar em nada, estava em estado de choque.

Não era esse o destino, eu não sabia o que estava acontecendo. Como assim na penitenciária de volta, e a clínica? E a minha fuga? O que havia acontecido?

Tudo de novo, naquele lugar sem telefone, sem contato nenhum, acabou comigo. Outra vez dentro da penitenciária, revolta e ódio, eram meus “combustíveis”. Eu queria sair dali. A primeira noite foi impossível dormir, eu queria saber o que tinha acontecido com minha fuga, meus planos e o porquê eu estava ali.

Dois dias depois, fui chamado pela segurança e disseram-me que o juiz pediu minha transferência urgente. Eles souberam dos meus planos. Acho que uma escuta telefônica foi o que me “derrubou”. Mesmo assim, eu comecei a investigar todos os que chegavam na penitenciária vindo do presídio. Eu queria saber se alguém tinha “dedurado” meu plano, porque daí eu iria cobrar. Acabei descobrindo que era escuta mesmo. Agora não tinha outro jeito, eu estava em uma cadeia que nunca havia acontecido uma fuga sequer e eu pensava nela todos os dias.

Depois de dois meses, comecei a receber visitas: minha mãe, meu pai, minha companheira e minha filha. Eu tentava deixá-los tranquilos. Eu dizia que estava tudo bem, mas não estava. Meu advogado me visitou e me deu notícias do meu processo. Estava tudo ruim para mim, mas iria ficar pior. Eu estava sendo acusado pelo DENARC, de tráfico novamente. Na verdade, eu sabia que, realmente, eu estava traficando, eu estava foragido e ainda não tinha pago ainda minha primeira condenação. Seria condenado novamente.

Entrava em desespero nas madrugadas na cela, pensava em matar, fugir e, às vezes, pensava em parar com o crime. Mas o que me torturava eram as lembranças. Eu queria ser pai de novo, estar em casa com minha família e minha filha. Minha companheira já estava cansada de viver só na cadeia e agora eu esperava outra audiência. Eu seria condenado, isso era uma certeza. O advogado tinha me dito que o DENARC tinha várias escutas telefônicas minhas.

A cada dia que passava eu ficava mais impaciente, esperando a audiência. Nos dias de visita, minha família falava que Deus ia me absolver, que eu seria livre, mas eu sabia que realmente eu tinha cometido esse crime, Deus não me absolveria, pois eu não era inocente.

Tinha uma verdadeira guerra interior às noites. Eu pensava em parar com tudo e tentar viver como um cidadão. Mas, logo depois, vinha a realidade. Tenho outra audiência e serei condenado. Vou “puxar” mais uns longos anos de cadeia.

Comecei a pensar em uma transferência para uma cadeia, onde tivesse um telefone e que eu pudesse voltar ao tráfico. Às vezes, eu saía no pátio “tomar sol”, conversava com uns caras que estavam condenados há 30 anos, que é o máximo que se fica preso no Brasil. Alguns eram de facções criminosas, me convidaram para ser batizado pela facção, mas na verdade desde a época do presídio, eu já tinha convite para entrar. Nunca aceitei, pois eu achava que não tinha necessidade. Eu os ajudava e eles me ajudavam, então estava tudo bem. O que me chamava atenção, era que esses caras iriam ficar 30 anos. Eu estava preocupado com uns 15 anos, que talvez eu pegasse na nova condenação.

Existem muitos casos, que o cara não tem mais esperança, condenado há 30 anos, fazer o quê? Se ele matar mais um dentro da cadeia, não vai mudar nada nos anos. Vai ter que ficar do mesmo jeito. Então, os caras se conformam. Revoltam-se várias vezes e isso vira rotina. Ir para casa é apenas um “sonho”. Vi alguns que não aguentaram pagar as suas condenações e se enforcaram. Pela manhã, os agentes encontraram os homens “pendurados” pelo pescoço com o lençol.

Chegou o grande dia. Minha vez. A escolta é com várias viaturas: eu dentro do camburão com mais três caras que trabalhavam para mim e que também estavam na penitenciária. O comboio parou no presídio e embarcaram em outro camburão. Duas mulheres e mais dois caras, todos no mesmo caso que eu.

Chegamos no fórum, senti um frio na barriga. Eu pude ver minha família na entrada da sala de audiência e minha mãe estava chorando. Foram horas de depoimentos dos policiais falando sobre a investigação. Saímos de lá, com uma nova data marcada para retornarmos. Foram três audiências e finalmente, eu saí do fórum, condenado a um total de 25 anos de prisão. Eu ficaria, no mínimo, 13 anos e isso acabou comigo.

Foram dias terríveis e eu só pensava em fugir. Fui conversar com o vice diretor e disse pra ele que eu queria sair da penitenciária. Ele me disse umas palavras, que depois no “xadrez” eu fiquei refletindo. Ele me disse: “Willian, se você quiser mudar de vida, nós te ajudaremos. Mas se você não se ajudar, você está perdendo tempo. Se você aceitar ajuda, nós te ajudaremos”. Nunca esqueci das palavras do Senhor Maurício.

Durante um tempo, eu pensava em bagunçar, o objetivo era rebelião ou acabar matando um e depois ser transferido para outra cadeia - a “nova”, como era conhecida a penitenciária. Era uma cadeia sem telefone, drogas, armas, sem nada... apenas disciplina a ser seguida. Eu via que muitos estudavam, faziam cursos e até trabalhavam.

Eu não entendia que tipo de ajuda um criminoso poderia receber dos dirigentes de uma penitenciária? A ajuda que eu conhecia era somente se me dessem uns quilos de crack para vender ou que me mandassem embora. Infelizmente, eu tinha certeza que ficaria um longo tempo ali. Em todos os dias de visitas, eu ouvia da minha família: “Pare, está na hora de mudar de vida, você tem uma filha que precisa de você!”

Um dia eu resolvi tentar, pois para mudar, eu precisava tomar uma atitude e me desligar do crime. Durante uns seis meses, eu fiquei sem me envolver em nada de errado, em conversas ou planos que fossem criminosos. Novamente, falei com o pessoal da segurança da penitenciária e eles disseram que tinham percebido que eu estava tranquilo. Disseram-me para continuar, que logo eu teria uma oportunidade: escola, cursos ou trabalho. Tudo isso renderia um dia de redução da minha pena, para cada três dias de trabalho.

Comecei a fazer planos. Se realmente for verdade, três anos de trabalho diminui um ano da minha condenação...vou tentar, pois preso eu tenho que ficar. Então, que seja reduzindo a pena. Foram dezoito meses na penitenciária, com o comportamento tranquilo. Para minha surpresa, fui chamado e me disseram que eu iria fazer um curso bíblico. Comecei o curso, só de sair da cela e participar em uma sala fora da galeria, já dava um alívio. Sair um pouco daquela rotina.

Terminei o curso e já pedi para o advogado ver como daria para diminuir a minha pena. A cada três dias de curso era um dia a menos de cadeia. Deu certo! O advogado voltou uns meses depois e me trouxe uns documentos do fórum, que tinha conseguido diminuir alguns dias.

Pensei que este seria o caminho para sair antes da cadeia. Comecei a estudar, eu havia parado na sexta série. Já nem sabia o que era escola, mas fui firme e decidido a continuar. Um dia, foi oferecido um trabalho. Eu já havia trabalhado em uma fábrica de estofados, por pouco tempo, mas sabia como fazer. Assim, eu iniciei no setor de trabalho na penitenciária.

Eu ainda estava em uma guerra comigo mesmo, pois ainda pensava nas práticas antigas. Foram muitos anos naquela vida, mas minha família já estava contente com o início da mudança. Agora, comecei a enfrentar um preconceito que eu mesmo

defendia antes: presos que trabalhavam eram mal vistos pelos demais. A minha decisão estava tomada e eu precisava ser firme. Para quem me perguntava do porquê estar trabalhando, dizia que cada um faz suas escolhas e que ninguém ia pagar nenhum dia da minha “condena”. Quem pagava minha cadeia era eu, então eu escolhi a melhor forma. Passei vários anos naquela vida, agora vou tentar mudar.

Passava o dia inteiro consertando cadeiras na penitenciária e à tarde era recolhido para cela. Tive uma surpresa. Foi-me oferecido um setor de trabalho remunerado. Além de diminuir minha pena em um dia para cada três dias de trabalho, agora eu iria receber um salário. Isso me deixou muito feliz, pois, já algum tempo, eu estava enfrentando uma dificuldade lá fora, na minha casa. Minha companheira havia reclamado que depois que eu deixei o tráfico, as coisas ficaram difíceis. Meus pais ajudavam em tudo, não deixavam faltar nada, mas ela também precisava de dinheiro. Começou a trabalhar e cuidar da minha filha. Minha mãe ficava com minha filha, nos dias em que ela trabalhava, mas logo perdeu o emprego. Eu, enquanto estava no mundo do tráfico, nunca tive problemas com dinheiro e eu me sentia culpado agora. Era minha culpa tê-la acostumado com uma vida fácil, ou seja, de dinheiro fácil.

Iniciei no setor remunerado. Todo mês, minha companheira recebia um pagamento. Tudo ficou diferente para mim. Passava o dia todo trabalhando, chegava à tarde e dormia. No outro dia cedo, trabalho de novo. Outro ritmo. A cabeça ocupada o dia inteiro, não me deixava pensar em crime ou ter as lembranças daquela vida. Comecei a dar valor a cada dia trabalhado e no dinheiro que eu ganhava, que agora era honesto.

Minha companheira começou a receber e minha filha já entrava nos dias de visitas com roupas que eram compradas com o dinheiro do meu trabalho. Isso começou a significar muito para mim.

Um dia, acordei injuriado com minha vida, injuriado com as críticas dos caras por eu estar trabalhando. Analisei tudo o que eu já tinha feito naquela vida que eu levava. Fugi da polícia, troquei tiros, passei dias escondido, fiquei mais de três horas dentro de um esgoto para não ser preso, passei dias sem dormir, usei drogas até passar mal, bebi tudo o que existia, arrisquei a minha vida inúmeras vezes. Dei tanto desgosto para minha família, “roubei” noites de sono dos meus pais e muito mais.

Chegou a hora de ter atitude e mudar de uma vez. Comecei a analisar, o que era realmente uma coisa chamada “oportunidade”. Será que tinha limites? Será que isso realmente vai existir, se eu acreditar? Comecei a me preparar para abraçar todas as oportunidades que apareciam. Estava trabalhando e estudando, mas eu agora não queria me acomodar com isso. Queria ver realmente até aonde eu iria chegar. Meu primeiro plano foi: “Esquecer a liberdade”. Parei de pensar em ir embora e resolvi viver a realidade: “Estou preso, não vou embora e preciso de ajuda”.

Em uma aula de português, a professora nos deu um trabalho: escrever um artigo sobre qualquer assunto, que fosse polêmico. Eu escrevi sobre a superlotação nas cadeias e ainda fiz um desenho depois do texto. Na aula seguinte, a professora chamou-me pelo nome e falou, na frente de todos, que meu texto tinha sido o melhor, e que ficou impressionada com o desenho. Eu tinha feito uma cela lotada de presos. O que me chamou atenção foi que ela me disse: “Willian, se você entrar em uma empresa, não vai demorar muito para você se dar bem. Em qualquer serviço que você fizer, você vai se dar bem”. Fiquei pensando naquilo, não estava acostumado com elogios, mas aquilo ficou gravado.

O tempo passou e eu fui estudando, concluindo matérias, fui trabalhando e fiquei focado nessa rotina. Até que um dia, o chefe de segurança me disse que iria abrir um novo setor na penitenciária. Convidou-me para participar: era uma oficina de

livros. Comecei a recuperar livros estragados, estávamos em seis no setor. Um professor vinha de fora para ensinar as técnicas de restauração e estávamos tendo um curso com ele. É quase impossível trabalhar em livros e não ler seu conteúdo, pelo menos alguma coisa, ou olhar as ilustrações. Os livros chamavam minha atenção.

O lugar onde nós começamos a trabalhar, por coincidência, era a mesma sala onde tive a primeira oportunidade que foi o curso bíblico, na mesma sala onde trabalhei reformando cadeiras. Agora eu estava lá, de volta, consertando livros e tentando consertar a minha vida. O que era realmente oportunidade? O que eu estava fazendo ali? Eu pensava todo dia: como eu fui chegar em uma penitenciária, o que eu estou fazendo para ir embora? Como vou sair? Vou trabalhar em quê? Quando?

As oportunidades são oferecidas desde que você é criança, basta agarrá-las. Comecei a perceber pessoas que realmente querem ajudar, sem mesmo perguntar qual o crime que eu cometi. Comecei a trabalhar com restauração de livros. Alguns livros eram muito velhos e não tinham capa. Então, nessa oficina de livros eram feitas capas novas e essas capas tinham títulos ou ilustrações. Foi aí que tive uma ideia: desenhar as capas. Mas, para isso, eu precisava “mergulhar” no mundo da leitura. Tinha que ler o livro para saber o que desenhar na capa, e eram muitos.

Minha vida ainda estava sendo decidida, mas eu já sabia que estava no caminho certo. Um dia, um grupo de pessoas entraram para visitar a penitenciária. Foram ver nosso trabalho no setor de recuperação de livros e estava presente uma emissora de tv, que iria fazer umas filmagens. O diretor me perguntou se eu queria falar com a reportagem, para explicar como era o trabalho e eu aceitei.

Foi explicado todo o processo de recuperação dos livros, mas, o repórter me fez uma pergunta que me fez lembrar de al-

guém. Ele me perguntou se eu tinha filhos. No exato momento, me segurei para não me emocionar na frente da câmera e falei da minha filha. Aquilo foi uma coisa diferente para mim. Passei a noite pensando na reportagem: Será que minha família iria ver?

No fim de semana de visita, minha mãe entrou sorrindo com meu pai. No pátio de visitas, me abraçaram e estavam felizes. Disseram-me que estava todo mundo comentando a reportagem e que minha filha havia ficado muito feliz por eu ter falado dela.

Comecei uma trajetória dentro de uma penitenciária. Todas as minhas escolhas, eram planejando meu futuro. A família é aquela que nunca te abandona, mas comecei a perceber pessoas que me tratavam diferente. Viram que meu objetivo era mudar e eu ouvia muitos conselhos bons. Tanto de agentes como de outros presos, mas é claro que aqueles olhares de preconceito ou reprovação, eu sempre percebia. Ouvi muitos dizerem: “Isso é só no começo”, “Quando for pra rua volta a traficar”. Eu realmente não sabia como seria minha atitude depois de sair, mas comecei a me concentrar nos objetivos lá dentro. Analisar onde existiam oportunidades. A liberdade era para ser consequência das minhas escolhas.

Logo, outras reportagens vieram até a penitenciária ver o nosso trabalho. Outras vezes falei com repórteres, com vários presos no setor, mas alguns não queriam ser filmados. Eu encarava aquilo como uma prova do que eu queria: que era realmente mudar.

Conheci uma escritora que me visitou e me convidou para ilustrar uma credencial para um evento dela. Eu fiz e ficou ótimo. Participei de uma coluna do jornal da cidade, a convite da mesma escritora gaúcha, que escreveu um texto nesse jornal.

Sabe quando você se sente útil, você renova as energias, acende uma esperança. Eu via aquelas pessoas importantes pre-

cisando de algum trabalho meu, pessoas me elogiando. Algo aconteceu: várias pessoas entraram para visitar a oficina de livros e eu já estava conhecido. Tinha saído várias notícias e reportagens sobre meus desenhos.

Entraram várias pessoas para visitar nosso trabalho, mas um senhor veio em minha direção. Estendeu a mão e me disse: “Parabéns, Willian!” Aquilo ficou gravado. Tanto as palavras, como de quem veio: era o juiz, o mesmo que era responsável pela execução da minha pena.

Em toda minha trajetória sempre fui condenado por juízes. O leitor talvez não entenda o tamanho da força positiva que isso gerou em mim, preso e parabenizado pelo mesmo juiz. A cada dia que eu acordava na cela, eu queria sair logo para trabalhar. Não podia mais perder tempo, precisava concluir meus estudos, precisava me preparar para ser outra pessoa, mesmo sabendo que tinha alguns anos para ficar ali. Meu objetivo era “ser outra pessoa mesmo aqui dentro.”

Os diretores da cadeia começaram a ver que realmente eu queria mudança e falavam sempre comigo, incentivando que fosse em frente. Nos dias de visita, comecei a ser reconhecido por famílias de outros presos. Diziam que tinham me visto na tv falando sobre os livros, desenhos e meus trabalhos. Realmente, as coisas mudaram e tomaram outro rumo. O que agora comecei a analisar é o sacrifício que foi pra chegar ali: noites sem dormir, dias pensando em como começar, que caminho seguir?

Esse início é muito importante. Qualquer um consegue mudar, independentemente do tempo que tem para ficar preso. A penitenciária é um lugar para refletir. As oportunidades estão lá, mas existe uma coisa que impede os caras de enxergar “a porta aberta dentro da cadeia”. É o preconceito e o orgulho, no sentido de não querer ser ajudado, com medo da opinião de outros presos.

É uma batalha interior, mas o pensamento que se deve ter é: “Eu não nasci traficante ou bandido!” O cara tem que resgatar aquela pessoa que nasceu, quando a mãe deu à luz. Tem que resgatar o filho que ele é, o membro da família, que a família sempre sonhou que fosse bem sucedido. Infelizmente, se tornou um fora da lei, mas ainda há tempo, enquanto estiver vivo.

Infelizmente, eu vi alguns morrerem na cadeia e outros faziam planos na cela que, quando saíssem, iriam tentar o último assalto. Ficar “rico” é o objetivo. Os planos eram sempre com finais felizes, mas a realidade era outra. Muitos foram para casa, foram tentar o assalto dos sonhos e acabaram mortos. Outros morreram em confusões, guerras com outros traficantes ou por alguma dívida.

Quando acaba a esperança da família? Quando o filho está morto. A vida é um desafio, você vive de forma que você consegue e não da forma que você quer. Todos querem ser ricos, ter carros, dinheiro na conta, quem tem, quer cada vez mais e quem não tem, corre atrás. Uns trabalham e outros vêm no mundo do crime a chance de ficar bem de vida, mas sempre correndo o risco de passar anos na cadeia. E esse é o fim dessa escolha.

Bom, minha vida tomou um rumo diferente: o trabalho, os estudos, a reaproximação familiar, o resgate do filho que nasceu e aos poucos foi se perdendo. Fui voltando ao normal, comecei a ver a alegria dentro dos olhos dos meus pais, sem mesmo eles sorrirem, pois os olhos denunciavam que estão felizes. Isso me deixava mais confiante, mais firme no caminho que agora eu andava, em passos largos rumo à liberdade.

Pessoas estranhas dispostas a te ajudar, sem olhar teu passado, apenas se dedicando a planejar seu futuro. Foram essas pessoas que conheci, em um projeto de ressocialização que fui incluindo devido meu comportamento. Conheci a Justiça Restaurativa. Foram selecionados presos com bom comportamento

e que realmente estavam focados em mudar de vida. Comecei a participar de Círculos Restaurativos.

O pessoal selecionado seria avaliado para inaugurar um novo projeto chamado “unidade de progressão”. Seria um alojamento que os presos iriam trabalhar e à noite voltariam dormir. Com muitas responsabilidades, deveres e disciplina, era para ser um lugar diferente. Ainda seriam presos, condenados no regime fechado. Mas, por serem presos que já estavam há algum tempo na penitenciária e em todos os anos foram presos exemplares, agora teriam uma chance de mostrar responsabilidades. Eu estava nessa.

Os círculos restaurativos faziam uma integração entre nós. Os dirigentes dos círculos nos deixavam bem à vontade. Às vezes, em relatos sobre nossas vidas, chorávamos e comecei a ver pessoas lutando para voltar a ser um cidadão. Vi, também, pessoas compromissadas em realmente ajudar para que isso acontecesse.

Nessa época, eu tinha contratado uma advogada. Ela me visitou e disse: “Willian, você vai para a unidade de progressão, mesmo faltando três anos para você cumprir no regime fechado.” Aquilo para mim era um presente de Deus. Minha família estava feliz e eu agora comecei a fazer planos. Tive vários conselhos, até de presos que no começo me julgaram. A notícia se espalhou na cadeia. Até aqueles que julgavam, estavam sonhando com a liberdade mais cedo. Começaram a falar em trabalhar e estudar.

Os diretores me disseram que iriam me ajudar com o trabalho, assim que eu mudasse para a nova unidade. Chegou o dia. Vinte e cinco presos foram escolhidos para inaugurar o novo regime. Eu havia ficado sete anos na penitenciária e teria que ficar mais três anos. Agora, estava colhendo os frutos da minha escolha. Estava saindo para uma “semiliberdade”.

No momento em que eu fui saindo de dentro da cadeia, comecei a relembrar tudo o que eu passei lá dentro: todas as reuniões nos Círculos Restaurativos, todos os conselhos de pessoas que trabalham para que você realmente mude de vida. E, também, lembrava de todos os planos que minha família fez para mim.

Foi uma “vida” na prisão. Apreendi muito, sofri, chorei, revoltei-me com o sistema, com a vida, com Deus e comigo mesmo, até entender que o culpado era eu. Chegamos ao local novo, o alojamento que estávamos inaugurando. Saímos do regime fechado, “um sonho” realizado.

No dia da inauguração, da unidade de progressão, já me sentia livre. O local estava cheio de autoridades e fui surpreendido por várias pessoas me parabenizando pelo trabalho com os livros e pelas reportagens feitas, para mostrar o trabalho “lá dentro”.

Fui parabenizado pela promotora da cidade e ela me desejou boa sorte. Aquilo, para mim, foi um momento importante, pois me sentia confiante, me sentia cada vez mais no caminho certo.

A primeira noite no alojamento foi totalmente diferente. O ambiente era novo, “mais suave.” Mas, a mudança não foi só no espaço físico, mas também no meu psicológico. Todos se sentiam felizes e estavam colhendo os frutos de um trabalho em que se doaram, para que realmente fossem alcançados por oportunidades e que o plano chamado ressocialização desse certo.

Ainda não era a liberdade, mas estava bem próxima. Dava para sentir: o tratamento dos agentes era outro, o pessoal selecionado era bom. Todos os que estavam ali fizeram parte dos círculos, então, isso nos deixou mais próximos. Todos com o mesmo objetivo: voltar à sociedade realmente como um cidadão.

Ainda preso, mas com uma alegria no coração, tive uma grande surpresa. Um advogado que acompanhava a oficina de livros e outros vários projetos na penitenciária, trabalhava na universidade e era chefe de gabinete. Ele me proporcionou, de acordo com o diretor da unidade de progressão, um trabalho na biblioteca da universidade. Eu sairia da cadeia para trabalhar à tarde e retornaria para dormir. Meu trabalho seria a restauração de livros na biblioteca central do Campus da Universidade.

Uma coisa que sempre valorizei é um cara ter palavra. Esse mesmo doutor me arrumou o emprego, já tinha me prometido que iria me ajudar - falou há muitos anos. Não esqueceu de cumprir, assim como os diretores que estavam me autorizando a sair.

Depois de tantos anos, eu saí na rua em direção ao trabalho. Carros que eu nem sabia que tinham sido lançados, lugares que foram modificados, casas e prédios onde era mato. Tudo era novidade para mim: o cheiro da cidade, o movimento pelas ruas. Tudo isso me chamava atenção. Cheguei no gabinete da reitoria da Universidade e fui recebido com muita educação. Conversamos e acertamos os trabalhos que eu iria fazer. Pronto.

Depois, fui recebido na biblioteca pela diretora, que também foi muito educada comigo. Sua secretária, também muito gentil, me acompanhou em uma visita ao local. Conheci todos os funcionários que trabalhavam lá e que seriam então, meus colegas de trabalho.

Comecei a restaurar os livros, foram alguns dias muito especiais. Eu nem estava acreditando, eu ainda estava “preso” e agora trabalhando em uma universidade. Toda tarde voltava para a cadeia feliz. Logo, tive outro encontro com o chefe de gabinete da reitoria, o doutor que me ajudou muito com esse emprego. Fomos ao museu da cidade, e fomos recebidos pelo diretor. O plano era que eu também trabalhasse ali, fazendo a manutenção do acervo.

O museu era um lugar que já havia visitado com meus pais e na época da escola. Agora, era um clima diferente: eu iria trabalhar ali. Foi decidido que eu trabalharia três dias em cada local. Comecei a fazer os trabalhos na biblioteca e também no museu. Tudo isso estava sendo apresentado a uma pessoa que esteve dez anos presa e que todas as oportunidades oferecidas foram 100% aproveitadas. Todos os dias eu agradecia a Deus e realmente estava me sentindo um cidadão. O que me chamava atenção era a confiança que tinham em mim. Todos sabiam que eu era um preso, mas nunca me perguntaram o que eu fiz, qual era o meu crime. O diretor do museu tinha uma equipe fantástica.

Uma professora de artes que fazia parte desta equipe, logo me convidou para participar de oficinas de arte. Assim, eu fui me envolvendo cada vez mais com os trabalhos.

Quando uma pessoa sente a confiança depositada nela, sabendo que poderia ser tratada com preconceito, discriminação, falta de respeito, fica tudo diferente. Tratando-se do meu caso que era um preso, essa confiança depositada é como um combustível para seguir em frente. Em todos os lugares onde iniciei meu trabalho, fui bem tratado. Pessoas com a mente aberta, dignas de serem chamadas de cidadãos, aptas a oferecer oportunidades, aqueles que realmente precisam e precisam delas para voltarem à sociedade: eu.

Todo o meu trabalho começou a aparecer. Foram feitas algumas reportagens nos locais e agora o pessoal do jornalismo da cidade, me conhece do trabalho que comecei dentro da penitenciária e as reportagens querem saber como eu estou me saindo, rumo à sociedade.

Uma coisa é importante que o leitor saiba: Minha rotina era a seguinte: eu saía da penitenciária às 07 horas da manhã, todos os dias e voltava às 18 horas. Regras da segurança da penitenciária: eu não poderia ir em casa em hipótese alguma. Fazia dez anos

que eu não ia para minha casa e eu poderia ir escondido. Com certeza, há um certo tempo atrás eu iria, sim, eu não pensaria duas vezes para elaborar mais um dos meus planos de fuga, mas agora, eu sabia que a minha consciência precisava estar tranquila e limpa. Se eu realmente estava me preparando para uma vida justa, então eu precisava me policiar e entender que teria que ser realmente dentro da disciplina exigida.

É nos momentos que você está sozinho que você sabe quem você é. Ninguém estava me vendo, mas a minha consciência estava. Trabalhei durante vários meses e jamais fui em minha casa. Todos os dias eu estava na rua e era só da penitenciária para o trabalho e vice-versa.

Na biblioteca, fui apresentado para um restaurador profissional, que me ensinou várias técnicas novas e eficazes no conserto dos livros. Aperfeiçoei-me e comecei a aplicar nos trabalhos do museu também.

No museu, me foi dada uma rica oportunidade de trabalhar em uma exposição do escritor Monteiro Lobato. Foi um grande aprendizado. Quem entra em uma exposição ou em um museu, não imagina o empenho dos dirigentes, para que seja um local excelente para visitação. Eu aprendi muito com eles.

Fui convidado para participar com a o educativa, durante a exposição que se chamava “Lobatiando”. Foram quatro meses de sucesso. Eu ensinei crianças a desenhar, professores, me diverti e também aprendi muito.

Agora, olhando para tr s, percebi que as oportunidades têm o poder de abrir portas. Pessoas realmente sinceras v o te ajudar, pessoas falsas também irão aparecer no seu caminho, mas no trajeto, você vai aprender a identificar os falsos e os verdadeiros. Eu aprendi a analisar pessoas, pois o que estava em “jogo” era a minha real liberdade.

Fui chamado na sala da direção da penitenciária e l  estavam a promotora e o juiz, faltando três anos para cumprir a minha pena. Recebi a notícia tão esperada: “Willian, você vai para casa!” Será que eu ouvi direito? Mas que notícia boa, tão esperada! Fui parabenizado pelos diretores, juiz e pela promotora. E deram-me além da liberdade, um emprego dentro da sala. Havia dois homens empresários e eu já estava contratado. Sairia dali com um emprego garantido. Parecia um sonho, mas logo “caiu

a ficha”. Não é um sonho, é fruto de escolhas e oportunidades. Agora eu lembrei, quando planejei minha mudança, a curto, médio e longo prazo, sem desistir, este longo prazo demorou dez anos, mas consegui. Chegou minha hora e eu vou para casa.

Agradei aos empresários que estavam confiando em mim, aos diretores, ao juiz e à promotora. Agradei a Deus. Durante à noite, uma mistura de sentimentos: euforia, alegria, sentimento de “missão cumprida”. De repente, a realidade chega em meus pensamentos trazendo dúvidas: será que vai ser fácil? Será que terá muito preconceito? Será que vou conseguir? Lá fora a vida é outra realidade. A ressocialização começa agora. Será que realmente houve mudança? Dentro desse turbilhão de perguntas e dúvidas, a alegria aparecia novamente e na madrugada, na minha cama, eu estou sorrindo, vou para casa mesmo.

Então vou enfrentar o que vier, dificuldades, preconceito, seja o que for, eu enfrento. Passei por coisas piores, lembrei da minha filha, tudo o que ela passou sem mim, então, chegou minha vez. Vou provar que mudei, seja o que for que eu tenha que enfrentar, vou passar por cima. Conheci uma coisa nessa caminhada na cadeia chamada persistência, e é com ela que eu vou.

Finalmente, chegou o dia. A assistente social avisou minha família que era o dia de ir pra casa. Fui beneficiado com o monitoramento eletrônico, ou seja, sairia com uma tornozeleira eletrônica. Está ótimo. Fui instruído pessoalmente pelo juiz e promotora sobre as regras a serem cumpridas. Assinei um termo que aceitava as condições e agora era só cumprir. Um frio na barriga.

Um nó na garganta.

Lá no portão, já consigo ver meu pai, minha mãe e minha filha, eu estou finalmente indo para casa. O último portão, o mais esperado, finalmente deixei pra trás a penitenciária. Ali foi uma grande escola, realmente um lugar para refletir.

Caro leitor, neste momento em que escrevo, estou trabalhando na empresa que me acolheu. Ainda tenho contato com os diretores da penitenciária, participo de projetos, palestras, continuo firme e forte.

É cada vez mais evidente que, com toda a minha história, relembrada nessas páginas, fica para mim a grande lição: todos tentaram, inúmeras vezes, me convencer que eu estava no caminho errado e, que, por trilhar este caminho, cometi graves erros.

Ao longo da minha vida, muitos tentaram me ajudar, mas ninguém podia tomar as atitudes por mim, quem tinha que mudar era eu. Deus nunca me abandonou, Ele me manteve vivo e mesmo que eu não percebesse, me deu saúde física e mental para minha transformação. Ela ocorreu de dentro pra fora e, até mesmo, sem que eu me desse conta, os planos de Deus me trouxeram uma nova vida.

Minha família nunca me abandonou: orações e as súplicas da minha mãe, mesmo que tardiamente, finalmente foram atendidas. Sigo ao lado da minha família lutando e o que eu mais aprendi, ao longo de toda a minha trajetória, é que ao meu lado também está Deus. Aquele que realmente é o Dono da maior oportunidade que nos é dada: a vida!

Willian Starke





Willian, em momento de trabalho na restauração de livros, nas dependências da Biblioteca da Universidade Estadual de Ponta Grossa, parceria com o Depen, sob a supervisão do atual Chefe de Gabinete da Reitoria, Rauli Gross.
(Fotos: Assessoria UEPG)



Projeto Lobatiando - Museu Campos Gerais
Novembro a Dezembro de 2019
Foto cedida por Rauli Gross



William Starke faleceu em maio de 2021, em decorrência da Covid 19.

Este livro era seu projeto de vida.

MAGNATA

“Quero que minha filha pense em mim como
o pai que desenha e que restaura livros”

(William Starke)

ISBN 978-65-99004-96-4

